



MILITIA

N.º 71 — ANO X — SETEMBRO / OUTUBRO 1957

SUMÁRIO

NOSSA CAPA 90

EDITORIAL 5

DIVERSOS

O Estado e as Classes da Nobreza — Hélio A. A. Dutra de Azevedo.. 6

A Transmissão dos Caractères Hereditários — Prof. Pedro H. Saldanha 14

Noções de Motomecanização — Ten. Cel. Romeu de Carvalho Pereira 20

O Eterno Problema da Cola — Prof. Hans Peter Hellmann 25

Graciliano Ramos — Olimpio de O. Pimentel 23

A Determinação do Sexo — Profa. Sônia Guinsburg Saldanha 30

Soldado Razo, não! — Subtenente Sinésio Pontes 34

Ainda o Caso das Guianas — Prof. Paulo Henrique 36

Vamos Conversar sôbre a Energia Atômica — Cap. Jorge M. de Oliveira 41

Parabéns, Força Pública — Cap. Plínio D. Monteiro 44

Fonha-se no Lugar do Outro — Dr. Plirts Nebó (1.º Tenente) 46

A Usarearib School — Tenente Cid B. Marques 48

Emprego da Microfilmagem em Arquivos — G. Oscar Campiglia 52

NOTICIÁRIO

No Comando Geral da P. M. Matogrossense o Cel. José Marques Pereira 58

Comemorado o I Centenário da Morte do Brigadeiro Rafael Tobias de
Aguiar 60

VI Congresso Paulista dos Municípios 66

NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS

Distrito Federal 74

Mato Grosso 75

Minas Gerais 76

Paraná e Pernambuco 81

Rio de Janeiro 84

Santa Catarina 85

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Tiro ao Alvo — Campeonato Brasileiro e Paulista 87

RECREAÇÃO

Palavras Cruzadas 90

CONCESSIONÁRIO

GM



GM

**A GM na vida brasileira
BOM SERVIÇO EM QUALQUER PARTE DO PAÍS**

Espalhados por todo o Brasil, encontram-se 331 concessionários GM, operando com 447 franquias. Estes concessionários possuem elementos treinados em São Paulo, na Escola Técnica da General Motors — homens extremamente familiarizados com os veículos, motores, peças e acessórios... todos os produtos GM. Esta rede de concessionários, pelos serviços que presta, é a garantia de uma assistência técnica perfeita, executada por pessoal experiente — em qualquer Estado, em cidades pequenas ou em grandes centros.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CUSTÁO DO SUL — SÃO PAULO

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeropôrto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Baurç	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigüí	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajüt	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

A Fôrça Pública cumpriu sagrado dever de gratidão quando, ao lado do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Casa de Sorocaba, nos proporcionou a série de brilhantes solenidades com que foi comemorada a passagem do I Centenário do falecimento do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, seu criador.

Não há dúvida que sinceros aplausos mereceram a iniciativa e a obra. E as nossas homenagens se estendem mui justa e igualmente às outras duas entidades que, por também ligadas de maneira indissolúvel à vida do grande brasileiro, jamais poderiam negar-lhe o tributo da sua admiração e do seu reconhecimento. Assim, ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entidade respeitabilíssima que jamais descurou da análise dos fatos em prol da estruturação mais perfeita de nossa História, os nossos mais efusivos cumprimentos. Durante o transcorrer das festividades impôs-se ao respeito de todos — já pela dedicação, já pelo elevado nível intelectual de seus representantes — tal como se tem imposto em tantas outras memoráveis exaltações cívico-patrióticas aos feitos dos que construíram a nacionalidade. Não faltando, pois, às homenagens prestadas ao insigne paulista, mais uma vez reafirmou o seu propósito de viver em função dos acontecimentos passados e presentes, para que São Paulo elabore a sua monumental e eterna História.

Depois, não faltou a cidade de Sorocaba às homenagens que se prestava ao seu filho ilustre. Presente em todos os instantes, devotada ao melhor desenvolvimento de tôdas as solenidades, a Casa de Sorocaba se constituiu em elemento imprescindível ao brilhantismo de que efetivamente se revestiram as comemorações. Saudando-a, tão só exteriorizamos aquela admiração que nos cumpre devotar a quantos, conscientemente, procuram eternizar os nomes dos que realizaram dignamente para o bem da Nação.

Justas, sem dúvida, as manifestações de respeito à obra do grande brasileiro. Governador de São Paulo por duas vezes (uma por aclamação), presidente da Assembléia Provincial também por duas vezes, Conselheiro do Govêrno por três vezes, muito fêz, inegavelmente, com alto espírito público, em prol dos interêsses maiores de São Paulo e do Brasil.

MILITIA cumpre, nesta oportunidade, o grato dever de associar-se às homenagens tributadas, com justiça, à memória do criador da Fôrça Pública, Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

== O ESTADO E AS == CLASSES DA NOBREZA

(II DE UMA SÉRIE SÔBRE HERÁLDICA)

HÉLIO A. A. DUTRA DE AZEVEDO

Cavaleiro da S. O. C. S. P. A. — Sócio
Efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro
— Da Fed. dos Institutos Genealógicos
da América Latina.

Em tôdas as sociedades humanas aparecem aquelas pessoas que, por seu saber, por suas riquezas, por seu valor militar ou por outras condições de relêvo, prestam eminentes serviços à coletividade e intervêm nos negócios públicos, como nas questões da defesa da nação e das atividades públicas.

A Igreja Católica, depositária do saber antigo da Grécia e de Roma, assim como possuída do espírito novo da Revelação, tirou o Mundo Ocidental do caos subsequente às invasões dos bárbaros. Ela foi a luz da Civilização no meio da ignorância e da barbarie reinante, e não só formou intelectualmente e moralizou as gerações, como também traçou o destino dos povos inquietos e errantes que vagavam sem terra fixa e sem nacionalidade.

A instituição monárquica, cuja existência era essegurada por constantes guerras de dinastia ou de nação contra nação, e tendo que enfrentar ainda as turbulências próprias do tempo, foi o insubstituível artífice que fêz brotar uma unidade nacional de um conjunto de energias dispersas. Com a espada delimitou e garantiu o território e nos seus Conselhos e Côrtes, através da visão política, guiada muitas vêzes mais pela ambição e cobiça que por retas intenções de governo, se concretizou a nacionalidade.

Nos tempos em que as atuais nações européias se formavam, as classes mais distintas, formadas pelos eclesiás-

ticos, pelos grandes latifundiários e pelos chefes militares, agrupadas em redor do trono, alargavam as fronteiras do território nacional, no afã constante de ampliar os solares de sua raça, bem como inculcavam na sociedade de então os ideais do Cristianismo, cultivando as artes e defendendo a cultura ao mesmo tempo.

Não se tratava, a princípio, de pessoas que tinham privilégios concedidos pelo Poder Real, mas sim de homens que sobressaíam por seu próprio esforço e mérito.

Não recebendo elevação por parte do Poder Público, são eles que formam aquela Sociedade e ela é que os eleva. E não é por ventura a vitalidade das comunidades nascentes que forma personalidades vigorosas?!

Aquê'es eclesiásticos, latifundiários e militares não constituíam, todavia, uma classe cerrada, uma casta. O círculo que formavam em redor do trono era uma sociedade articulada, em que existia intercorrespondência entre todos os estabelecimentos e tôdas as atividades.

Sômente depois, quando o tempo acumulou costumes e, posteriormente, leis sôbre as prerrogativas honoríficas, foi que os seus sucessores, supondo-se de fato em certas condições de propriedade territorial, de atividade militar ou intelectual, se aferraram àquelas prerrogativas e formaram uma casta com direitos superiores aos demais concidadãos. E, só o fato de nascer dentro desta casta conferia ao vivente uns tantos privilégios, um «modus vivendi» que chamação do caráter nacional.

Porém, ambas instituições, a Igreja e o Estado, necessitaram de colaboradores.

Na Igreja formou-se uma classe social eclesiástica, verdadeira aristocracia intelectual, que exerceu enorme influência no desenvolvimento das instituições familiares e na formação do caráter nacional.

A monarquia por sua vez retirou do seio da nobreza seus generais, seus políticos, seus diplomatas e até mesmo os modestos oficiais, que obscura e abnegadamente lavraram as vitórias do futuro.

A história da Europa antiga não é mais que a relação dos feitos ideados pelas grandes instituições da monarquia e executados pelos nobres, em seu duplo aspecto de políticos e guerreiros.

Não se deve olvidar, porém, o mérito do povo, o ator mais numeroso nos feitos e, conseqüentemente, o que mais contribuiu com o seu ouro e com o seu sangue para a formação política dos diversos países.

Até aqui, temos visto em traços ligeiros o desenvolvimento da nobreza em suas fontes históricas, porém, não concretizamos ainda o seu caráter essencial.

Definindo-a, diremos que é uma classe social composta de pessoas que, por seu nascimento ou por concessão do soberano, desfrutam de certos privilégios honoríficos que as distinguem dos demais cidadãos.

Nobreza, é, portanto, distinção. Distingue-se o que se sobressai, socialmente falando. Porém, não se trata de uma simples distinção, da qualidade que faz apreciável um homem elegante, culto, de maneiras tratáveis e de sentimentos elevados. Estas circunstâncias, ajuntadas a outras, darão entrada em uma seleção, como ocorre em lugares novos, de sociedade nascente, porém jamais formarão ou determinarão um nobre; porque a nobreza é uma «distinção» herdada por nascimento ou adquirida por concessão real, nada mais.

Nos primeiros tempos, constituíam condições adequadas para a distinção com o grau ou «estado» de nobreza, os feitos de armas em defesa do território, da causa monárquica ou dos grandes ideais humanos e religiosos. Temos exemplos numerosos na Reconquista da Espanha, nas cruzadas e nas demais guerras pela independência das diversas nações européias, assim como o descobrimento do Novo Mundo, as viagens dos grandes navegantes e em muitíssimos outros feitos heróicos em favor da Civilização.

Constituíam também condições favoráveis à conquista da nobreza, o sucesso nas missões diplomáticas, nos Conselhos de govêrno dos Estados, assim como a posição econômica e, especialmente, a propriedade territorial tradicional. Outras condições preponderantes eram os méritos relevantes nas ciências, nas artes e na indústria.

E toda nobreza conferida era hereditária, porque a concessão real, por si só, era fonte de distinção hereditária devido ao caráter permanente da instituição monárquica no Estado.

Com o correr do tempo as distinções nobiliárquicas começaram a se distinguir, variando de grau e importância. Os nobres de nascimento tinham-se em melhor conta que os

recém-enobrecidos, assim como os mantenedores de títulos procuravam mostrar-se mais nobres que os «simplesmente» nobres.

Por ora, deixemos de lado os casos de concessão real, de que nos ocuparemos mais adiante, e preocupar-nos-emos com os filhos, os netos e demais descendentes dos homens eminentes do passado que vincularam, nas famílias, a distinção dos ascendentes. Através dos tempos, os nobres herdam essa distinção com o nome sempre mais enaltecido pelos feitos dos antepassados. Isto é, quando os méritos conquistados em prol da causa pública se repetem em várias gerações de uma família, mesmo que não sejam méritos excepcionais acumulam distinções por herança, constituindo uma «nobreza social», e é tão forte a predominância desse elemento, que o maior ou menor preço desta fidalguia é a sua maior ou menor antiguidade, que determina e representa ao mesmo tempo a data da radicação da família no país e o patriotismo incessante da mesma, ao longo dos anos.

Com êstes poucos elementos chegamos já, mais uma vez, à conclusão de que nobreza é o reconhecimento real e um pouco mais, isto é, uma distinção que se herda e que faz com que a pessoa nasça nobre dentro de sua família: a «nobreza social», natural ou de sangue, personificada no «gentilhomen» ou no «fidalgo».

Na nobreza por concessão, parte-se da idéia de que o poder real é a fonte de toda distinção, exceto, sem dúvida, da nobreza de sangue, que não pode conferir. E assim, como o rei concede a um cidadão uma condecoração, ou seja, um título de cavalheiro em uma ordem qualquer, o que em definitivo constitui uma nobreza pessoal vitalícia, pode também condecorar uma família com o mesmo título, em caráter hereditário, para sempre.

O primeiro beneficiário do privilégio real é plenamente nobre, mesmo que não tenha antecedentes nesta classe. Considera-se assim o enobrecido, não só porque tem uma concessão formal, como também porque os seus descendentes desfrutarão de estado de nobreza transmitido por herança que, com o passar do tempo, ganhará antiguidade.

São reconhecidas quatro classes de nobreza: a nobreza de sangue, a nobreza notória, a nobreza concedida e a nobreza adquirida.

Primeira:— A nobreza de sangue, ou de nascimento, tem a origem perdida na obscuridade dos tempos em que

se formavam as nacionalidades. Na França, talvez na era em que governaram os primeiros sucessores de Hugo Capeto. Na Espanha, nos tempos da formação dos reinos cristãos, na Reconquista. Na Inglaterra, talvez nos tempos da Távola Redonda, pelo Rei Artur, no ano 516.

Segunda:— A nobreza notória, resultante da posse prolongada de títulos de nobreza por membros de uma mesma família.

Terceira:— A nobreza concedida, que é adquirida por títulos, privilégios ou outros documentos procedentes do soberano.

Quarta:— A nobreza adquirida, que é a que se obtém no exercício de funções públicas, cujo exercício por certo tempo e em determinadas condições permitia aos titulares o ingresso na nobreza.

Procuramos formular uma teoria da nobreza, em sua consideração abstrata; porém, tratando-se de artigos sobre Heráldica, não nos estenderemos mais, pois achamos ser mais conveniente a referência às diversas categorias dessa classe social, sob aspectos mais concretos, à luz da História.

Os autores, em geral, são parcos em sistematizações dessa natureza, cuja dificuldade principal está em que apenas é possível falar com exatidão de instituições que evoluíram durante alguns séculos que não estão muito longe de nós. Contudo, embora não possamos fazer afirmações no campo da Heráldica primitiva, com absoluta exatidão, procuraremos explicar e fundamentar, ainda que sumariamente, nossos pontos de vista, tendo por arrimo os dados e informes das mais diversas procedências.

Como dissemos, existe um estado geral de nobreza: é a sua forma mais rudimentar, seu primeiro degrau e ao mesmo tempo a mais antiga e apreciada. Na França, onde nasceram e desabrocharam primitivamente as instituições que deram origem à Heráldica, foi conhecido, como concreção do estado geral de nobreza, o «gentilhomem». Este termo procede do latim, formado pelas duas palavras: *gentilis-homo*. Temos uma definição satisfatória de gentilhomem, dada por Cicerón, dizendo que um gentil tinha que reunir quatro condições, a saber: a primeira é ter um nome comum com as pessoas de sua família; a segunda, é ser filho de pessoas livres; a terceira, é que esta condição de liberdade seja de nascimento, isto é, que nenhum dos seus antepassados tenham

sido de condição servil, e, a quarta, que não tenha sofrido pena capital, de privação de sua liberdade ou de desterro de sua pátria».

Na Roma antiga, o **gentil** pertencia a uma **gens** romana, ou seja, a uma família que tinha um nome comum para todos os seus membros.

Partindo destes princípios, podemos imaginar quão difícil e raro era a existência de um gentilhomem na Idade Média, pois os nomes e as designações individuais não eram ainda fixos como acontece com os apelidos ou sobrenomes que usamos hoje. Isto não ocorria, nem ainda nos séculos XI e XII, salvo com raras exceções.

Aclarando a etimologia da palavra gentilhomem, sem querer, contudo, comparar a nobreza romana com a que estava em uso entre os bárbaros que invadiram o Império de Roma, é conveniente que nos inteiremos de que a profissão de armas era a mais **nobre** de todas, para os povos de raça germânica.

Entre os francos, como entre as distintas tribus germânicas, o homem livre ingressava nas fileiras dos homens de guerra, fazendo parte, assim, da classe **nobre por excelência**.

O desenvolvimento que a instituição feudal alcançou no ocidente europeu, deu origem à nobreza de caráter germânico que conhecemos. Em todas as suas graduações era a profissão das armas que a determinava.

Ainda, fazendo comparações, os gentilhomens franceses correspondem com exatidão notável aos «Homens de Paratge» do extinto reino de Catalunha e aos «Hidalgos» do reino de Castela. Tal coincidência é um testemunho do fato social a que correspondiam estas classes.

Os gentilhomens ou fidalgos primitivos, não eram, todavia, personagens de elevada categoria. Nem todos eram como os generais ou oficiais, que desempenhavam cargos palatinos. Não exerciam a indústria ou o comércio, como também não eram pessoas de grandes riquezas, conquanto desfrutassem de posição econômica suficiente para manter sua independência.

Esses gentilhomens, fazendo como a nobreza germânica, recorriam constantemente às armas, diferenciando-se do patriciado romano, nascido ao calor das cidades. E, pelas sucessivas guerras contra invasores e pela expulsão dos mes-

mos, enraizavam-se nas terras conquistadas, donde subtraíam seu sustento e equilíbrio econômico, assim como a classificação de sua categoria.

Esta categoria de nobres ou de homens de guerra, recebeu efetivamente sua consagração territorial e econômica, pela gratidão de que lhes eram devedores os reis, sob o regime dos pequenos feudos, com a obrigação de prestar o serviço militar.

A persistência destas condições em uma família, sem que se recordasse quando tiveram princípio, dava direito à nobreza natural e criavam ao mesmo tempo a nobreza social ou de sangue.

A pequena nobreza de sangue, de primitiva formação, constituiu a classe dos gentilhomens.

Uma especialidade desta nobreza é não possuir título de concessão ou qualquer outro privilégio real. Esta classe era tida em tanta estima, que os reis franceses empenhavam com frequência sua palavra de gentilhomen, considerando a fidalguia como uma condição genérica, anterior e fundamental, diante da qual era pequeno mesmo um título de monarca.

Ainda existe um velho ditado francês que diz: — *Gentil-homem naist, mais le chevalier se fait.*» — «O gentilhomen nasce, porém, o cavaleiro se faz».

Os franceses diziam, também, que o rei podia fazer um nobre, mas não um gentilhomen.

Diogo de Valera disse: — «*Puede el Rey facer caballero, mas no hidalgo*».

Refere-se o Conde Vallelano que o Conde de Lemos recorreu a este sentido de nobreza de nascimento ou imemorial, quando Felipe V equiparou os pares de França aos grandes de Espanha, em uma frase que se fez célebre e desagradou profundamente o monarca: «*Vuestra Majestad es muy dueno de mandar cubrirse en su presencia a quien le plazca; pero cónstele que a los Condes de Lemos les hiso Grandes Dios y el tiempo*».

Até os nossos dias continua a distinção entre fidalguia e nobreza de privilégio. Temos um exemplo concreto quando alguem ingressa em uma Ordem de Cavalaria qualquer. Entre outras prescrições severas, exige-se que o pretendente prove ser fidalgo de sangue e não privilégio.

Finalizando, diremos uma vez mais que, para alguém ser nobre de fato, ou fidalgo (filho de algo), é necessário o preenchimento de quatro condições:— Ter nascido livre; ser filho de ascendentes livres; usar um nome comum de família; não ter sofrido a perda de sua liberdade e nem a expatriação.

No próximo capítulo falaremos sobre a nobreza titulada, com ligeiros comentários e respeito da origem e do significado de cada título nobiliárquico.



FLÂMULAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA AS POLÍCIAS MILITARES

Flâmulas e bandeiras para associações esportivas, unidades militares, milícias e outras entidades.

Impressas sobre seda, rayon, etc., pelo processo silk screen.

Remessas para todo o Brasil, pelo reembolso postal ou aéreo.

CONSULTEM-NOS, SEM COMPROMISSO

MAJOR

material para propaganda Ltda.

RUA CONS. MOREIRA DE BARROS, 409 (Santana) - S. PAULO, SP - FONE 3-8839

O FENÔMENO de hereditariedade constitui o campo de uma ciência relativamente nova mas, não obstante, tem elucidado inúmeros problemas do âmbito da Biologia. Assim, através da Genética, os agrônomos têm assegurado melhores colheitas, os criadores, na pecuária, têm selecionado animais de grande interesse econômico, os médicos tem conseguido prevenir determinadas doenças e os psicólogos e sociólogos têm solucionado problemas ligados ao ajustamento humano.

Todos os seres vivos têm seu comportamento orientado por instintos, sendo esta orientação tanto mais absoluta quanto mais rudimentar for o organismo. As modificações do comportamento instintivo, acentuada entre os animais superiores, resultam da aprendizagem. De qualquer modo, a manifestação dos instintos visa a duas funções: uma que mantém o equilíbrio individual do organismo — o instinto de conservação do indivíduo, mantido através dos órgãos vegetativos; a outra função fundamental visa ao equilíbrio da espécie a que pertence o organismo e sua perpetuação

como aquêle de reprodução estão integrados pelos órgãos da vida de relação do organismo, representados pelo sistema nervoso e órgãos dos sentidos, que permitem a existência de uma permanente interação entre o organismo, com outros da mesma espécie ou com outros de espécies diferentes, e finalmente com o próprio ambiente. Logo, os órgãos de relação dos seres mais evoluídos são básicos para que se possa estabelecer a cooperação entre os organismos de uma mesma espécie, por conseguinte para as relações sociais. No homem, ao contrário da grande maioria dos demais animais, esses instintos se apresentam subordinados à consciência e inteligência individuais que os drenam no sentido de atingir a harmonia social.

O processo mais eficiente para a reprodução do indivíduo e logo para a perpetuação da espécie, parece ser a reprodução sexuada, presente em todos os seres de organização mais complexa, vegetais, animais, e particularmente no homem. Neste processo há sempre o concurso de dois indivíduos que se apresentam diferenciados sexualmente em indi-

A TRANSMISSÃO DOS CARACTÉRES HEREDITÁRIOS

PROF. PEDRO H. SALDANHA

— o instinto da conservação da espécie, que impele os organismos a reproduzirem-se. A essa classificação esquemática e logo arbitrária, poderíamos lembrar que tanto o instinto de conserva-

víduo masculino e indivíduo feminino. Entretanto, essa diferenciação, muitas vezes, só existe fisiologicamente, isto é, na função da reprodução, pois os dois indivíduos não são identificados mor-

fológicamente. Quanto isto não ocorre, há então um dimorfismo sexual: há uma forma para cada sexo. Êsses dois indivíduos se conjugam para reproduzir outros indivíduos que vão apresentar caracteres de ambos progenitores.

Tanto os animais como o homem apresentam uma parte do seu corpo diferenciada especificamente para constituir seus filhos, que recebe o nome de germe ou germoplasma, ao contrário do resto, constituído pelos diversos órgãos, tais como aparelho respiratório, circulatório, etc., que recebe o nome de soma ou somatoplasma. Tanto o germe como a soma do indivíduo são formados por células, que são formações de todos os seres vivos, animais e vegetais. Essas células apresentam sempre em seu interior, pequena massa condensada — o número celular, que carrega corpúsculos filamentosos, que se denominam cromossomos, nos quais se dispõem os fatores que provocam a manifestação dos caracteres hereditários. Êsses fatores que são constituídos por moléculas de substâncias quimicamente definidas, são os gens. É a reunião dos gens maternos e paternos, na progénie, que ocasiona o aparecimento dos caracteres nos descendentes, cuja expressão pode ser intermediária em relação aos caracteres maternos e paternos. Todavia certos caracteres paternos ou maternos, se exibem totalmente nos filhos. Assim certas crianças podem apresentar os olhos idênticos aos da mãe, por exemplo. Quando isso ocorre, diz-se que um ou mais caracteres ou gens de um dos progenitores são dominantes. Não é difícil compreender a dominância se levarmos em conta que todos os caracteres do indivíduo, como a altura, a cor do cabelo, as formas do corpo, certas sutilezas no funcionamento dos órgãos, certos caracte-

risticos da personalidade, as tendências vocacionais acentuadas etc., são condicionadas ou influenciadas por um ou mais pares de gens, que resultam da combinação de gens maternos com outros paternos, recebendo, desse modo, o indivíduo, tanto os gens responsáveis pelos caracteres do pai como os da mãe. Porém, muitas vezes, no caso da dominância, somente um gen se manifesta — o gen dominante, embora o indivíduo também carregue aquêlê alternativo — o gen recessivo. Isso acontece, por exemplo, em relação às côres escuras (pele, olhos, cabelos) em que os gens determinantes são dominantes sobre os para as côres claras. Assim os olhos escuros (pretos ou castanhos) são dominantes sobre os olhos claros (azuis ou verdes); entretanto, matizes intermediários podem ocorrer em virtude desse caráter ser resultante da ação de vários pares de gens. O mesmo acontece quanto à cor dos cabelos. Citando um caráter fisiológico hereditário, podemos dizer que a resistência à tuberculose é dominante sobre a suscetibilidade à tuberculose; todavia, essa doença não é de maneira alguma hereditária, mas sim doença infecciosa causada por um bacilo. A maior ou menor resistência a esse bacilo é hereditária. Contudo, um posterior e eventual enfraquecimento do indivíduo pode torná-lo suscetível a esta infecção, sem que isso seja em caráter hereditário.

Muitas controvérsias e noções erradas têm surgido em relação às doenças hereditárias. Assim, inúmeras doenças transmitidas através da placenta e do útero materno, aos embriões durante a gestação, têm sido alcunhadas de doenças hereditárias erroneamente, uma vez que nenhuma doença infecciosa, isto é, causada por micróbios e outros parasitos, possa ser transmitida hereditária.

riamente ao embrião; a sífilis, a blenorragia, etc., são doenças congênitas. Doenças hereditárias são aquelas cuja manifestação é causada por um gen transmitido dos pais aos filhos, sendo, via de regra, os gens causadores recessivos, sendo necessário para sua manifestação, que o indivíduo os receba em dose dupla; um paterno e outro materno. Algumas doenças hereditárias humanas são: a Ictiose, doença caracterizada por descamação da pele; a Tilose, doença cuja manifestação é dada pela pele acentuadamente grossa; o Glaucoma que é a pressão excessiva do globo ocular; a Acondroplasia, manifestada por certa forma de surdez; a Hiperopia, visão somente a distância; a Polidactilia, presença de mais de cinco dedos em cada mão; Albinismo, ausência de pigmentação da pele, olhos e cabelos; Hemofilia ou incapacidade de coagulação normal do sangue; o Lábio Leporino que é a presença do lábio superior deformado; a Alergia, manifestada por extrema sensibilidade a certas substâncias (proteínas); certas formas de doenças mentais tais como Idiotia Amaurótica e Mongólica, Esquizofrenia, etc.

A transmissão dos caracteres hereditários segue leis gerais, mas sua manifestação é controlada, atenuada ou acentuada e mesmo inibida pelo meio ambiente. Podemos dizer que não sabemos até onde vai a influência do meio e da hereditariedade. Se analisarmos tal fato experimentalmente, nossa dúvida subsistirá. Uma prova interessante disso é representada pela família dos Jukes, que bem mostra a importância da Genética na sociedade, mas não como querem muitos eugenistas, que explicam todos os fenômenos biológicos por meio dela, preconizando métodos anti-sociais e contra a liberdade individual, com o

fim de uma suposta melhoria da espécie. A família Juke teve origem, a oeste de New York, de um cidadão grosseiro, ladrão e analfabeto, chamado Max Juke. Após seu casamento, estudaram-se suas gerações sucessivas, e em 1877, 310 descendentes em 540 eram mendigos. A maioria das mulheres eram prostitutas. A quase totalidade dos filhos, eram analfabetos, embora 10 deles tivessem aprendido uma profissão durante sua estada na prisão. Em 1915, o mesmo quadro se apresentava, embora houvesse algum melhoramento pela mudança do meio primitivo, que trouxe oportunidade para melhores casamentos, evitando, desse modo, a ocorrência de uma herança acentuadamente má. Mesmo com essa análise é duvidoso que a pobreza, a prostituição, a criminalidade, a moralidade, os hábitos sociais, etc., tenham forte base hereditária e que, no caso citado, tenha havido uma apreciação real da fraqueza mental hereditária, e por outro lado nem todos os descendentes foram estudados, e principalmente não foi avaliado a acentuada influência que o meio ambiente deve ter exercido. Como vimos, num campo de estudo de grande complexidade que é a Biologia social, não se deve nunca subestimar a forte influência do meio social, que sem receio podemos afirmar, pode muitas vezes sobrepujar, no comportamento individual, a influência do fator hereditário. Todavia, podemos sempre assegurar que o indivíduo é o produto da combinação de dois fatores: herança e meio ambiente.

A herança biológica ou a hereditariedade age como uma força conservadora ao reproduzir um modelo pré-existente, entretanto o meio ambiente age como uma força modeladora, procurando emprestar uma certa plasticidade

dade à manifestação dos caracteres hereditários, cuja expressividade varia conforme ocorram neste ou naquele ambiente. As potencialidades hereditárias tem uma norma de reação, variável conforme o ambiente. Isso é fácil de se compreender se observamos que os gêmeos que apresentam os mesmos caracteres hereditários, e isto acontece com os gêmeos univitelíneos ou provenientes do mesmo ovo, sempre apresentam pequenas variações na forma (morfológicas), funções (fisiológicas), e mais acentadamente no comportamento (psicológicas), mesmo levando-se em conta a pequena ação diferencial do meio, por pertencerem à mesma família.

As leis que regem a transmissão dos caracteres hereditários foram inicialmente firmadas por um monge austríaco que viveu no período compreendido entre 1822-1844 — Gregor Mendel. Todavia essas leis permaneceram esquecidas até cerca de 1900, quando três botânicos simultaneamente redescobriram-nas por meio de repetidas experiências, dando origem a um novo rumo às ciências biológicas, cujas leis são válidas para todos os seres vivos, tendo um caráter universal. As leis de Mendel são baseadas nos conceitos de germoplasma e somatoplasma a que nos referimos anteriormente. Assim, o germoplasma somente é utilizado na reprodução, sendo o único elo orgânico entre pais e filhos, isto é, o que se chama continuidade germinal.

Dêsse modo se compreende que as modificações sofridas pelo somatoplasma, isto é, modificações no corpo, não são transmitidas através do germoplasma; esta é a razão porque se um indivíduo num acidente perde uma perna, ou sofre outra qualquer deformação física, seus descendentes não vão apresen-

tar essas modificações. No germoplasma, os gens para cada caráter se separam tanto nas células sexuais maternas, como nas paternas; posteriormente, uma célula materna e outra paterna se reúnem garantindo, dêsse modo, o aparecimento dos caracteres de ambos os progenitores nos descendentes.

A 1.^o das leis de Mendel explica o comportamento de cada caráter de um indivíduo (monohibridismo) que são sempre condicionados por um par de gens alternativos, iguais ou diferentes, e cada gen provém de um dos progenitores. Quando o par é igual, o indivíduo se apresenta idêntico aos pais, em relação a êsse caráter, como por exemplo: se os dois progenitores possuem olhos azuis, tanto um como o outro transmitirão gen para olho azul, e conseqüentemente os descendentes terão um par de gens para olhos azuis, apresentando, pois, olhos azuis. Quando não transmitem gens iguais em relação a um caráter, seus descendentes vão apresentar, no caso de ocorrer dominância, o caráter de um dos progenitores, ou então um aspecto intermediário entre os caracteres dos pais. Posteriormente, se um indivíduo cruza-se com outro portador de idêntico par de gens para aquêlê caráter, vão aparecer na prole indivíduos com caráter de um dos progenitores na proporção de 25%; indivíduos com caracteres intermediários 50%; e indivíduos com caráter de outro progenitor 25%. Tomemos, por exemplo, a cor das pernas das galinhas andaluzas. Se cruzarmos uma galinha andaluza branca com outra preta, obteremos na 1.^a geração tôdas as galinhas pretas salpicadas de branco; isto é, com aspecto intermediário. Cruzando essas aves entre si, obteremos galinhas pretas na proporção de 25%, ga-

linhas pretas salpicadas de branco ou intermediárias, 50%, e brancas 25%. Nesse caso não há dominância de um gen sobre outro.

Quando há dominância obteremos somente dois tipos visíveis, que correspondem geneticamente aos 3 tipos do exemplo citado. Assim, por exemplo, se cruzarmos porquinhos da Índia pretos puros, isto é, com dois gens para preto dominante que chamaremos PP, com porquinhos pretos híbridos, uma vez que apresentam gens diferentes Pp, mas em virtude da dominância da côr preta sobre a branca, nascerão somente porcos pretos. Entretanto, se cruzarmos esses indivíduos pretos híbridos Pp, teremos 75% de porquinhos pretos, dos quais 25% são pretos puros PP, e 50% são pretos híbridos Pp; e, finalmente, 25% de porquinhos brancos puros pp. É claro que todos esses indivíduos brancos são puros, pois só em dose dupla de gens para branco essa côr se exhibe. Esse mecanismo, no qual as duas côres após reunidas podem disjuntar-se, fez com que Mendel formulasse sua 1.ª lei — a lei da disjunção dos caracteres.

A segunda lei de Mendel é observada quando se leva em conta mais de um par de gens, isto é, mais de um caráter; só se aplica ao dihibridismo ou polihibridismo. Se acrescentarmos ao exemplo dos porquinhos pretos e brancos, outro caráter não em relação à côr, mas em relação à forma do pêlo, condicionada por outro par de gens, como por exemplo um gen para pêlo liso e outro para áspero, teremos então porquinhos pretos com pêlos lisos cruzados com outros brancos de pêlo áspero. Na 2.ª geração teremos então porquinhos pretos com pêlos ásperos, na proporção de 9 para cada grupo de 16; porquinhos

iguais a um dos progenitores, isto é, preto e liso, na proporção de 3 em cada grupo de 16; indivíduos iguais a outro progenitor, isto é, branco e áspero, também na proporção de 3 em cada grupo de 16; e, finalmente, branco e liso, na proporção de um em cada grupo de 16. Esse exemplo mostra-nos que, ao levarmos em conta mais de um caráter, notamos que estes se comportam independentemente um do outro. Então vai ocorrer combinação de caracteres que primitivamente não se apresentavam no mesmo indivíduo; teremos, assim, indivíduos novos como se nota no exemplo citado. A princípio só se verificaram indivíduos de pêlo preto e liso, e indivíduos de pêlo branco e áspero. Após cruzados na 2.ª geração, além desses tipos vamos encontrar indivíduos com pêlo preto e áspero, e indivíduos com pêlo branco e liso. Esse fenômeno é muito importante na variabilidade da espécie, e se denomina recombinação genética. Baseando-se nesses fatos, Mendel formulou sua 2.ª lei — a lei de recombinação independente dos caracteres.

São essas leis que regem fundamentalmente o comportamento hereditário dos caracteres; entretanto, outros fenômenos foram descobertos dando corpo a um grande progresso da Genética (ciência que estuda a herança e a variação), e a ratificação das leis de Mendel, fenômenos esses cuja explicação foge, devido a seu teor, ao âmbito de nossa elementar consideração. Consideraremos, entretanto, algumas sutilezas estudadas pela Genética.

Geralmente a manifestação de um caráter é condicionada por um par principal de gens ou alelomorfos. Pode ainda um par de alelos atuar sobre mais de um caráter, o que se denomina de

pleiotropia. Isso pode ser exemplificado nas moscas de fruta (*Drosophila*), em que a manifestação do caráter olho branco está associada à presença de menor viabilidade e fertilidade, bem como a modificações dos órgãos sexuais. Constitui um exemplo típico na espécie humana a associação de certa forma de imbecilidade com a incapacidade de degradar certos compostos orgânicos (aminoácidos) pelo organismo, que são eliminados na urina.

Fenômeno inverso pode ocorrer, verificado para muitos caracteres humanos, em que um caráter é condicionado, não por um par de gens, mas por vários; é o que se denomina polimeria, isto é, um caráter poligênico. Nesse caso cada par soma seu efeito ao dos demais; são gens de ação cumulativa, podendo se expressar como uma variação contínua na população. Um exemplo interessante desse fenômeno é o da pigmentação da pele humana. Se muitos gens responsáveis pela pigmentação, pertencentes a diferentes pares, ocorrerem, vão condicionar indivíduos fortemente pigmentados ou de pele negra, em virtude da soma dos efeitos gênicos. Se ocorrer cerca de 50% dos gens responsáveis pela pigmentação, distribuídos pelos diferentes pares relacionados ao caráter cor da pele, resultarão indivíduos de cor intermediária ou "mulatos". Praticamente qualquer grau intermediário de pigmentação entre branco e preto pode resultar conforme o número de combinações "ao acaso" de gens, isto é, o número de gens para pigmentação existentes nos indivi-

duos descendentes de casamentos de pretos com brancos. Nos indivíduos albinos, que são raros, os gens para pigmentação existentes no indivíduo, são inibidos por um outro gen independente, quando ocorre em dose dupla. Estes indivíduos são completamente despigmentados. O mecanismo poligênico de herança parece ser responsável pela altura, inteligência, cor de olhos, cor de cabelo, etc., na espécie humana.

Finalizando, certos gens de ocorrência universal têm origem em mutações (modificações hereditárias nos cromossomos), e podem ocasionar, geralmente a inviabilidade, e conseqüentemente a morte de seus portadores comumente nas primeiras fases de vida, quando são recebidos em dose dupla (em geral são recessivos), isto é, um de cada progenitor. Esses gens recebem o nome de gens letais, verificando-se sua ocorrência em todas espécies, como moscas de frutas, porquinhos de laboratório, vegetais. Particularmente no homem são causadores de doenças hereditárias graves, explicando, muitas vezes, a incidência de abortos naturais.

Depois de compreendermos o que foi exposto, é natural que acreditemos na veracidade de uma anedota muito difundida sobre um proeminente político mineiro que, mal compreendendo o mecanismo da hereditariedade, mas verificando os inúmeros males transmissíveis hereditariamente, teria dito em célebre discurso: "a hereditariedade é um mal e, como tal, deve ser evitada..."

Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sobas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



NOÇÕES DE MOTOMECANIZAÇÃO

Ten. Cel. Romeu de Carvalho Pereira

★ ★ ★

NOTA:— RETORNO A SÉRIE DE ARTIGOS SOBRE ESTE ASSUNTO, DEPOIS DE UMA AUSENCIA MOTIVADA POR MUITAS CAUSAS, INCLUSIVE A FREQUENCIA AO CURSO INTENSIVO DE ADMINISTRADORES, DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS; PROMOÇÃO E CLASSIFICAÇÃO NO 3.º B.C., EM RIBEIRÃO PRETO.

★ ★ ★

À PROCURA DE UM FUNCIONAMENTO PERFEITO

"MAIS VALEM DEZ MINUTOS DE MANUTENÇÃO DIÁRIA QUE DUAS HORAS DE REPAROS"

Seguiremos um método para busca e resolução das possíveis causas de mau funcionamento de um motor a explosão em viatura automóvel, ou estacionário.

Assim, começaremos pelas causas determinantes do não funcionamento ou mau funcionamento da máquina elétrica chamada *motor de partida* ou *motor de arranque*, quando, por intermédio d'êlé, procuramos colocar o motor da viatura em auto-funcionamento. Em linguagem popular: "Dar partida no motor".

1) *Motor de Partida*

Pode ser pôsto em funcionamento por dois meios:

a) diretamente (meio mecânico)
— Por intermédio de um pedal de acionamento, colocado no assoalho da cabina

do motorista, ao lado do pedal do acelerador;

b) indiretamente (meio eletro-magnético). Por intermédio de:

— um solenoide, acionando a embreagem, e

— um "relais" de partida.

Pelo sistema do solenoide, êste se acha colocado por sôbre o motor de partida e seu eixo está ligado a uma embreagem que, em ação pelo movimento do eixo atraído pelo campo magnético do solenoide e produzido pela passagem da corrente, aciona o chamado eixo "BENDIX". O "relais" de partida é acionado pela passagem da corrente em seu campo, pelo apertar do botão de partida (interruptor) e na viatura marcado "START". Por êsse sistema

fornece-se maior quantidade de corrente para o motor de arranque (250 V.), que transformando a energia elétrica recebida em movimento (energia mecânica), aciona facilmente o motor. É, atualmente, o sistema mais em uso.

De modo geral, o motor de partida é a máquina elétrica que transforma a energia elétrica da bateria em energia mecânica; que fazendo engrenar os dentes do "Bendix", na cremalheira aposta no volante do motor, movimentando o virabrequim; que com o movimento dos pistões provoca as primeiras explosões nos cilindros.

Qualquer que seja o sistema empregado, apresenta a preliminar de um bom funcionamento dos meios.

2) O MOTOR NÃO FUNCIONA NA PARTIDA

(O motor não pega)

Duas são as causas prováveis:

- 1) Falha no sistema de inflamação ou,
- 2) Defeito no sistema de alimentação.

(Lembrar de ADILA)

MANEIRA PRÁTICA DE VERIFICAÇÃO

Verificação de centelha elétrica;

Operações:

- Desligar um cabo de vela de ignição;
- Ligar a chave de contato (ou de inflamação);
- Fazer o motor de partida acionar o motor, e,
- Colocar o cabo de vela retirado, cerca de 3cm. afastado do bloco do motor ou de outra "terra" mais fácil.

Conclusões:

- 1) *havendo centelha, a pane é no sistema de alimentação;*

2) *não havendo, é no sistema de inflamação.*

Para diagnóstico da verificação da falta de centelha, usar-se o aparelho de medidas elétricas, chamado *Amperímetro*. Com um auxiliar ou com o da própria viatura.

Normalidade: Com um funcionamento normal, o amperímetro acusa uma pequena descarga e com o motor em funcionamento em marcha, oscila seu ponteiro entre a marca de 2 e 4 Amperes.

Sigamos, agora, um caminho lógico, para a busca das irregularidades.

— Chave de contato ligada,

— Motor de partida girando o motor.

1) A LEITURA DO AMPERÍMETRO É ZERO.

Conclusão: *No circuito primário não há corrente.*

Vamos, então, verificar onde há a pane no circuito primário:

a) constatar que a chave de contato está verdadeiramente ligada, e que suas conexões estão apertadas e limpas;

b) ligar as lanternas ou faróis, pela chave geral (comutador), para averiguarmos se a corrente elétrica está passando através do amperímetro.

O AMPERÍMETRO NÃO ACUSA E HÁ LUZ NOS FARÓIS.

Operações:

- desligar os faróis;
- desligar o fio de corrente que vem da bateria, do lado do amperímetro, e com uma lâmpada de prova, verificar se a corrente passa para o amperímetro (a lâmpada acende).

Conclusão: *Verificar e apertar as conexões no circuito motor de partida-chave de contato.*

c) remover, em seguida, a tampa do distribuidor; verificar como estão os platinados; (normais ou "careados" ou mesmo queimados) abertura normal (um cartão de visita deve passar entre os platinados, bem justo).

Conclusão: *Se não preencher estas condições, ajustar ou substituir os platinados.*

d) verificar a continuidade do circuito primário, chave de contato-bobina e bobina-distribuidor;

Conclusão: *Se a corrente elétrica circula da chave de contato para a bobina, mas não circula da bobina ao distribuidor, o defeito é na bobina.*

Operação: Substituir a bobina.

2.a Conclusão: *Se a corrente circula nos dois circuitos, a pane é no distribuidor. (Desenvolvimento à parte com o título "Distribuidor").*

2) — A LEITURA DO AMPERÍMETRO DÁ DESCARGA NORMAL (OSCILANDO DE 2 A 4 AMP.)

Conclusões: 1 — *O circuito primário está correto;*

2 — *Verificar o circuito secundário.*

Operações:

— desligar, da tampa do distribuidor, o cabo secundário que vem da bobina (é o que entra no centro da tampa do distribuidor).

(Obs.:— Usar uma luva por precaução, pois a corrente é de alta-tensão)

— colocar a extremidade do cabo a um centímetro de qualquer massa;

— com o motor girando, pelo motor de partida, observar como salta a faísca.

Conclusões: 1) *Se a centelha for fraca, de tonalidade avermelhada, mudar o condensador do distribuidor;*

Obs.: A centelha normal é enérgica, espessa, e de um azul brilhante.

2) *Se não houver centelha, substituir o cabo do distribuidor, para se garantir a continuidade do circuito.*

Operações:

— recolocar o cabo secundário da bobina;

— remover a tampa do distribuidor;

— com o motor de partida girando o motor, observar se não há fuga de corrente, não afastando muito a tampa da escôva rotativa (cachimbo).

Obs.:— A fuga de corrente é caracterizada por um "corisco" do local onde normalmente deveria passar, para um local mais afastado na tampa (rachadura ou carvão). Há um estalido característico.

Conclusões: 1) *Se houver fuga de corrente, substituir a tampa;*

2) *Se não, prosseguir nas operações.*

— com a tampa recolocada em suas condições normais, retirar o cabo central de seu encaixe, cerca de um centímetro (isto quer dizer isolado do contato direto da escôva intermediária (carvão);

— com o motor de partida girando o motor, observar a centelha.

Conclusão: *Havendo centelha a escôva rotativa está defeituosa (em curto)". Substituí-la.*

Verificada, depois destas operações, a existência da corrente secundária, verificar a continuidade do circuito, em cada circuito dos cabos e alta-tensão, do distribuidor às velas (4, 6 e 8, conforme os cilindros do motor)

Conclusão: *Substituir os defeituosos.*

3) — HÁ UMA DESCARGA NORMAL CONSTANTE NO AMPERÍMETRO (2 A 4 AMP. CONSTANTE)

Conclusão inicial: *Não há interrupção normal do circuito primário (função específica do platinado)*

Operações:

— desligar o fio primário da bobina-distribuidor (no terminal do distribuidor);

Censequência primeira: O amperímetro pode cair a zero.

Conclusão: *De feito nos platinados; ajustá-los ou substituí-los, verificando o isolamento do secundário do platinado, (martelo) e terminal do rotor.*

Consequência segunda: O amperímetro não se modifica.

Ligar o fio no distribuidor e desligá-lo na bobina.

Conclusões: 1) *Se cair a zero o amperímetro, o cabo está defeituoso. Substituí-lo.*

2) *Se não a bobina está defeituosa. Substituí-la.*

4) — HÁ UMA DESCARGA IRREGULAR ACUSADA NO AMPERÍMETRO COM A CHAVE DE CONTATO LIGADA A ZERO COM A CHAVE DESLIGADA.

Conclusão inicial: *A pane é entre a chave de contato e a bobina.*

Operações:

— ligar a chave de inflamação (de contato);

— desligar o fio primário de saída da chave.

Conclusões: 1) *Se o amperímetro voltar a zero a chave está em condições;*

2) *Se não, substituir a chave.*

Com a chave de contato em boas condições:

— ligar a chave;

— desligar o fio da entrada na bobina; se o amperímetro voltar a zero, verificar se o terminal da bobina está dando massa;

Conclusões: 1) *Se o terminal não der massa substituir a bobina;*

2) *Se o terminal der massa, corrigir o defeito e se necessário substituir a bobina;*

3) *Se o amperímetro ainda acusar descarga irregular, substituir o fio chave de contato-bobina.*

5) — HÁ NO AMPERÍMETRO UMA DESCARGA IRREGULAR COM A CHAVE DE CONTATO LIGADA OU DESLIGADA.

Conclusões: 1) *Pane entre o amperímetro e a chave de contato;*

2) *Curto-circuito no sistema de iluminação entre a chave geral e o amperímetro;*

3) *“Curto” no circuito do dínamo.*

Operações:

— retirar os fios do amperímetro do lado descarga (— ou Dsch);

1.a Conclusão: *O amperímetro deverá marcar zero.*

— desligar as luzes;

— tocar o terminal (fio) do amperímetro com o terminal do fio corrente do circuito de iluminação.

Conclusões: 2) *Se o amperímetro acusar descarga, verificar um “curto” no fio que liga amperímetro-chave geral de luzes;*

3) *Se não houver, verificar o circuito dínamo;*

4) Se este circuito não der descarga, a pane está:

- a) na chave de contato, ou
- b) no fio que liga amperímetro-chave de inflamação.

Verificar:— Com êste fio desligado,

ligar um outro (em boas condições).

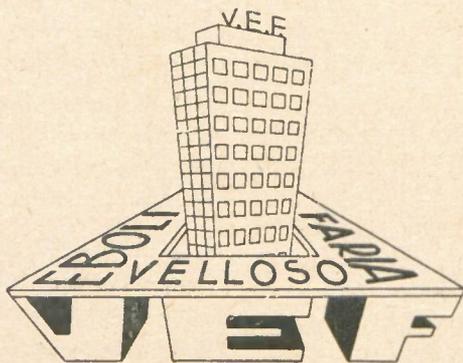
Conclusões: 1) Se a descarga continuar substituir a chave de contato;

2) Se o amperímetro voltar a zero, substituir o fio amperímetro-chave de contato.

V. E. F.

ENGENHARIA E COMÉRCIO

RUA SÃO CAETANO, 829 - FONE 9-4841 - SÃO PAULO



MATERIAIS ELÉTRICOS E HIDRÁULICOS - SANITÁRIOS COMPLETOS

SRS. OFICIAIS E PRAÇAS

- ||| Economizem na compra.
- ||| Paguem em condições especiais.
- ||| A V. E. F. oferece as melhores condições porque conhece os seus problemas - é a sua loja!

O ETERNO PROBLEMA DA COLA

PROF. HANS PETER HEILMANN

No excelente livro "A escola pitoresca", do Prof. A. de Almeida Júnior, encontra-se a certa altura a pergunta: "Onde se cola?" E o próprio autor responde: "No céu, na terra e em toda parte".

Infelizmente, trata-se de uma verdade que deve ser encarada com realismo; jamais com beneplácito ou indiferença. A desonestidade escolar existe em toda parte do mundo, com características próprias, conforme o sistema escolar vigente; nos Estados Unidos, com a predominância do teste e da mecanização, malandrinhos catam os "stencils" usados nas cestas de papéis para terem com antecedência as questões. Nos países que seguem os moldes franceses, com seu número de exames, dissertações e temas, é forte a tentação desta modalidade particular de fraude — o papelucho com dizeres escritos, que o espanhol chama chuleta e o brasileiro — cola.

Muitas vezes, no bonde e no ônibus, ouvimos rapazes de 12 a 15 anos, jactando-se de suas proezas: "Foi uma colatina daquelas; abri o caderno em baixo da carteira, e o velho nem per-

cebeu". Conversas como esta, que não são tão raras como o leitor pode pensar, entristecem qualquer pessoa esclarecida. "O velho", que não percebeu ou "não manjou" nada, como dizem os estudantes, muitas vezes está absorto em seus problemas particulares, quando já não abandonou a luta, desenganado. Pode ser que efetivamente ele não tenha percebido a fraude daquele aluno. Mas que sabia da cola, sabia. Qualquer professor sabe que a vigilância dificulta a cola, mas não a impede. Não há expediente trabalhoso demais para ser executado em prol da lei do menor esforço...

Como já dissemos, o fenômeno é universal. No entanto, na maioria dos países é caso esporádico. O que agrava o caso entre nós é que se trata de ocorrência habitual, tão corriqueira que alguns chegam a considerá-la normal. E contra esta plácida aceitação do estado de coisas que precisamos lutar. A vigilância e a repressão não impedem a fraude. O modo correto de atacá-la é pela educação. E esta é dada essencialmente no lar.

Precisamos em primeiro lugar esclarecer os pais. É natural e até compreensível que estes tenham uma certa indulgência em relação às traquinices de seus filhos. Um educador reconhece que devemos fazer certas concessões aos jovens. Mas é preciso estabelecer um limite. E este limite fica aquém da desonestidade. Um pai que sorri indulgentemente ao ouvir da colatina do filho, não se espante ver que amanhã este mesmo filho lhe furtará dinheiro do bolso. Entre ambas as há uma diferença de modalidade. O pai precisa reprimir enérgicamente estas tendências, fazendo ver ao filho que um diploma conquistado à custa de fraude é no fundo um diploma falso. Hoje em dia está felizmente desaparecendo aos poucos a idolatria do papelucho — não basta ser portador do diploma, é preciso estar à altura dele. Dentro em pouco, não haverá mais lugar no mundo para pessoas que não sejam profissionais competentes — a não ser como faxineiros, com salário mínimo... Não se trata de ficção destinada a amedrontar os jovens: na Europa já chegou este estado de coisas, e entre nós ele virá inevitavelmente.

Finalmente, quero sugerir outro modo prático de evitar a cola: é a modificação do sistema de exames, adotando-se questões baseadas mais no raciocínio do que na memória, e freando a tendência de pedir nomes e datas. Racionalizemos nossos exames, para que estes melhor desempenhem sua função — a de averiguar objetivamente o aproveitamento do aluno.

Imberbe airoso, com juventude pujante, chegou à Palmeira dos Índios e predestinado que legaria à posteridade a glória de seu gênio criador.

Em companhia de seu pai, o comerciante Sebastião Ramos, homem de atitude austera e dono de esmerada educação, mudou-se para o burgo sertanejo, procedente de Viçosa, bela cidadezinha situada à margem esquerda do Paraíba.

Estabeleceu-se, em Palmeira, o "cel. Sebastião Ramos, com loja de fazendas, grande magazine, de aspecto pomposo, ao qual poderíamos chamar: - "Scares" palmeirense, da época.

fôsse nervoso e irrequieto, todavia era comunicativo, amável e excelente criatura.

Pequena foi a convivência entre êle e mim, quatro anos e pico, pois tive que demandar o Sul em busca de abrigo estomacal.

Foi inspirado pelo estro que êle iniciou a carreira intelectual, porquanto na adolescência apenas versejava. E com que dificuldade versejava! Contrapondo-se ao empirismo e laborando em ambiente inadequado!

Em sua "república", revistas e livros desordenados juncavam a pequena mesa

GRACILIANO RAMOS

OLÍMPIO DE O. PIMENTEL

Graciliano, o primogênito, contava nessa altura seus dezessete anos e, embora verdoengo, revelava capacidade potencial. Era, a um só tempo, caxeiro e superintendente da loja.

Consagrava as horas de lazer a três misteres: estudava, divertia-se e divagava. Neste último era mordaz, picante e satírico, pois debicava o interlocutor, amiúde, em termos jocosos.

Seu porte: alto, magro, olhos pequenos e brilhantes, trepados no alto da face, quase no cocuruto, como que a perscrutar o encéfalo; sobranceiras fartas, negras e ligadas em forma de grifo; cabelos cacheados e repuxados para trás. Possuía êle vitalidade pasmosa! Em que

de centro ovalada, indicando todo o conjunto: nervosismo e sofreguidão. Ao centro da mesa, em um pires, havia sempre uma vela. A inexistência de luz elétrica forçava-o a queimar estearina, que ardia, até a madrugada. Assim estudava o poeta. No pires, a cêra escorria formando flocos na base, avolumando-se em camadas subseqüentes, subindo em espiral, crescendo em forma de pirâmide, como que vaticinando a ascensão prodigiosa do futuro escritor. Lembro-me bem de que o visitando certo dia na "república", vi, sôbre a mesinha, rabiscado a lápis, um soneto que trazia o pseudônimo de Soeiro Lobato. Passaram-se os dias. Um mês depois, compulsando o "Malho", deparei com a

composição, tal qual dantes era. Em seguida, com auxílio do meu mano Marçal, músico dotado de sensibilidade artística, peguei do violão, musicalizei-a em ré maior e fui com minha turma de seresteiros, alta noite, surpreender o jovem autor que, ao despertar, abriu a janela, chamou-me e disse: "Já ouvi isso que você cantou, não sei onde". Ao declarar-lhe que a letra era de Soeiro Lobato, expressou irônicamente uma de suas "amabilidades", abriu a porta e fez-me entrar com os badernistas. Ai ficamos até o dia amanhecer, bebendo conhaque e comendo guloseima.

Procurarei, com fidelidade, reproduzir, linhas abaixo, o belo soneto. Qual quer talha de métrica, cadência ou rima, não cabe ao saudoso ficcionista, porém, a mim, e corre por conta da amnésia:

"Que importa junto ao teu nívio seio,
Seio túrbido, branco, imaculado
Irei gozar, no derradeiro anseio,
A inefável delícia do pecado.

Falam, que importa, do teu corpo
amado,

E eu surdo a tudo e a tudo absorto
e alheio

Tremo ao ver-te comigo lado a lado,
Volvendo o corpo num gentil maneio.

Tem veneno o teu beijo; à luz ativa
Do teu olhar, minh'alma fica morta;
Prêsa, encantada, tímida, cativa

Que eu morra embora meu amor que
importa!

Bendigo a bôca meiga e compassiva,
Que fere e mata, mas também con-
forta".

Ele jogava gamão com destreza e o parceiro de sua predileção, era eu. Pesquei-lhe sovas tremendas provocando-lhe irritabilidade a ponto de fazê-lo pro-

ferir imprecações, xingando acerbamente Nossa Senhora. Isso dava-me frio na espinha e o pressentimento da queda de um raio, sôbre o tabuleiro, para nos fulminar. No comêço dessas partidas costumava pedir que lhe servissem uma garrafa de uísque. Depois de obsequiar os perus com um trago ia sorvendo, a pequenos goles, o néctar puro, sem mistura alguma pretestando não querer tirar-lhe a virgindade. Esta assertiva está em desacôrdo com as declarações contidas na "Manchete" de 27 de outubro de 1956, prestadas por sua irmã Dáia, onde diz: "Graci, aqui em Palmeira, vivia o dia no balcão, cortando e vendendo pão, na loja de papai, que ficava ao lado da Prefeitura. Bebia pouco, só um conhaque antes do almôço. Uma lapada, como dizia êle. Sempre foi muito esquisito..." A entrevistada frisou bem: "só um conhaque antes do almôço". E depois? Bem, depois chupava uísque virgem, intemerato, que Dáia por certo ignorava. O próprio escritor, em "Memórias do Cárcere", no capítulo 29 do primeiro volume, diz: "Fascinou-me, porém, uma garrafa de aguardente que o despenseiro trouxe às escondidas" — e mais adiante: "era exactamente aquilo que eu bebia enquanto laborava no romance". Refere-se a um episódio ocorrido no porão do "Manaus" quando ai esteve "hospedado".

Dialogando certa vez com o notável escritor formulei curiosa pergunta: — Graça, porque você não vai para a Faculdade estudar direito ou medicina? Não gostaria de ser doutor?

— Você é bôbo — respondeu — tenho um direito sagrado que não quero perdê-lo.

— Posso saber que direito é êsse?

— O direito de ser burro. Quem usa "dr." não pode errar, dizer asneiras. Depois que deixei minha cidade sertaneja, não o vi mais. Cá de longe, todavia, acompanhei a trajetória flexuosa de sua vida atribulada; misto de sofrimento e prazer; complexo de fracasso e triunfo!

Quando prefeito de Palmeira dos Índios, encaminhou ao Secretário do Interior do Estado, relatório dando conta de sua administração. A boa feitura de tal documento colocou-o em evidência junto àquele titular que, pouco tempo depois, convidou-o para o alto cargo de Diretor da Instrução Pública.

Os seus primeiros livros: "Caetés", publicado em 1933, "São Bernardo", em 1934 e "Angústia", em 1936, eram obras produzidas há longo tempo (suponho), que não foram editadas por falta de oportunidade. Tanto assim é que o autor, ao transferir-se para o Rio de Janeiro, logo relacionou-se com a Editora José Olimpio e os livros vieram à luz.

Quanto às atividades extremistas jamais acreditei na sua co-participação (o imortal Monteiro Lobato também sofreu pena de prisão e foi perseguido por dizer verdades, que contrariavam interesses de magnatas de dentro e de fora). Em que pesem fortes acusações, ainda sou pela negativa. A franqueza de seus atos, a lealdade e a independência com que agia quando na direção da instrução pública, haviam fatalmente de incompatibilizá-lo com muitos "figuras", uma vez contrariados em seus interesses, ao solicitarem coisas escusas. Em "Memórias do Cárcere", na página 25 do primeiro volume, o autor narra um fato relacionado com um tenente do exército que fôra capturá-lo em sua residência, no dia três de março de 1936. Nesse dia Graciliano recebera por in-

termédio de Lucarini, seu auxiliar, a notícia de que iam prendê-lo e era urgente afastar-se de casa. Desprezando êsse alvitre decidiu permanecer no lar a espera de que o fôssem buscar. Tomou um longo banho, em seguida pôs alguma roupa branca na valise e mandou comprar muito cigarro e fósforo. Fala o escriptor: "Afinal, cêrca de sete horas, um automóvel deslizou na areia, deteve-se à porta — e um oficial do exército, espiçado, escuro, cafus ou mulato, entrou na sala.

— Que demora, tenente! Desde meiodia estou à sua espera.

— Não é possível, objetou o rapaz, empertigando-se.

— Como não? Está aqui a valise pronta, não falta nada.

O sujeitinho deu um passo à retaguarda, fêz meia-volta, aprumou-se, encanou-me. Tinha-lhe observado êsse curioso sestro um mês antes, na repartição onde me surgira pleiteando a aprovação de uma sobrinha reprovada. Eu lhe mostrara um officio em que a diretora do grupo escolar de Penedo contava direito aquêlo negócio: a absurda pretensão de se nomear para uma aluna banca especial fora de tempo.

— Impossível, tenente. Isso é anti-regulamentar. Demais, se a garôta não conseguiu aprender num ano, certamente não foi recuperar em dias o tempo perdido. Sua sobrinha não é um gênio, suponho. O tenente recuara, rodara sobre os calcanhares, perfilara-se em atitude perfeitamente militar e replicara com absoluta impudência:

— É o que ela é. Um gênio. Posso afirmar-lhe que é um gênio. E voltara a repetir o mesmo pedido, usando as mes-



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o insubstituível

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

mas palavras. Depois de meia hora de marchas e contramarchas cansativas, fizera a saudação, a última reviravolta, abriu a portinhola e deixou o gabinete em passos rítmicos.

No dia seguinte regressara com uma carta de recomendação, repisara a exigência, lera impenetrável o regulamento e o ofício, ouvira a recusa fatal e, no fim do resumo do caso enfadonho, o recuo, o movimento circular, o aprumo, a solicitação invariável, o obtuso louvor da sobrinha!

— Um gênio, eu garanto. Admita que ela seja realmente um gênio.

Gastara-me a paciência e irritara-me. Agora, finda a pirueta, olhando a valise, prova de que não haviam sabido guardar segredo, encolheu os ombros, sorriu, excessivamente gentil:

— Vai apenas essa maleta? Aqui entre nós posso dizer: acho bom levar mais roupa.

E' um conselho.

— Obrigado, tenente.

Comecei a perceber que as minhas prerrogativas bêstas de pequeno-burguês iam cessar, ou já tinham cessado. Retirei da mesa três livros chegados na véspera, pelo correio. Despedi-me. D. Irene... Uma pergunta me verrumava o

espírito: porque vinha prender-me o sujeito que um mês antes me fôra amolar com insistências desarrazoadas?

— Quando quiser, tenente.

Sáimos da sala e entramos no automóvel, um grande carro oficial".

Não. Graciliano nunca foi comunista. A maldade sub-reptícia, as injustiças que viu praticar contra outrem, tornaram-no revoltado; a promiscuidade com vários indivíduos, na prisão, perseguidos uns pela politicagem, outros adeptos do "credo vermelho" e alguns vítimas da calúnia e da intriga, fizeram-no insubmisso, cético, e inconseqüente; o crudelíssimo tratamento que recebera em masmorras, transformaram-no num farrapo humano, sem té nem alento, sem confiança no destino, como que a deplorar o próprio ego.

Não. Graciliano nunca foi comunista. Ele em vida foi um bom, um incompreendido, um mártir!

Com sua morte, o maior prejudicado foi o Brasil pela perda irreparável do grande escritor, prematuramente roubado ao convívio da comunidade, quando ainda poderia produzir obras maravilhosas como as que deixou à posteridade. Ao terminar aqui fica consignado meu preito de admiração e saudade ao excelso brasileiro, ao insigne patricio, ao querido coestaduano.

DESDE a antiguidade, a humanidade tem se preocupado com o problema de porque nascem meninas ou meninos; porque há mais mulheres que homens. Como acontece com quase todos os fenômenos naturais, as hipóteses para explicá-los surgem antes que se possa dar interpretações científicas ao fenômeno, e neste caso essas hipóteses são frutos ou de fantasia, ou de um raciocínio metafísico. Assim, entre os gregos se acreditava que o sexo era determinado pelo lado que soprava o vento, no momento da concepção; na Idade Média se acreditava que quando o casal desejasse um menino, o contacto sexual se deveria dar com o homem usando botas; outros achavam que dependia das estações do ano, dos astros, e mais modernamente se acreditava que dependia do lado do ovário produtor do óvulo; e ainda hoje, quando o assunto já está conhecido cientificamente, as mais absurdas crenças andam por aí, como por exemplo, se o ventre de uma mulher grávida está arredondado, ou mais para cima ou mais para baixo, ou se o feto se movimenta muito, será menino ou menina.

A DETERMINAÇÃO DO SEXO

— SEU FILHO SERÁ MENINO OU MENINA? —

Prof. Sônia Guinsburg Saldanha

A determinação do sexo, apesar de ser conhecido seu mecanismo desde cerca de 50 anos, ainda não foi divulgada entre o grande público.

Sabemos que em tôdas as células que constituem os organismos vivos, existe uma massa condensada chamada núcleo; dentro desse núcleo existem corpúsculos denominados cromossomos, e fazendo parte desses cromossomos pensa-se que existem pequenos locais característicos, de difícil verificação ao microscópio, chamados gens, e que são responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários. Tôdas as espécies possuem um número característico e constante de cromossomos em suas células. Assim, na espécie humana existem em cada célula 24 pares, sendo metade de origem ma-

terna e metade de origem paterna. Esses 24 pares de cromossomos se incorporam às nossas células da seguinte maneira: cada ser tem origem em uma célula feminina — o óvulo, e em outra masculina — o espermatozoide. Cada uma dessas células possui apenas metade do número de cromossomos, ou seja um exemplar de cada um dos 24 pares. As duas células se reúnem, refazendo-se os 24 pares. Em cada reprodução isso ocorre, ou seja, na formação dos gametos (óvulos e espermatozoides) há redução do número de cromossomos, e em cada fecundação sua reconstituição.

Desses 24 pares, 23 são semelhantes nas células somáticas dos homens e mulheres, porém um par é diferente. O par das células dos indivíduos femininos é representado pelas letras xx, porque um cromossomo é igual ao outro; nas células dos indivíduos masculinos é representado por xy, porque um é igual ao das mulheres, e outro é diferente sendo um pouco menor; em algumas espécies animais esse cromossomo falta completamente sendo chamado xo. Dêsse modo, homens e mulheres diferem em cada célula de seu organismo. Quando mulheres vão formar óvulos, esse par de cromossomos se disjunta, e cada óvulo será portador de um cromossomo x; nos machos a disjunção dará 2 tipos de espermatozoides — um portará um cromossomo x e outro um cromossomo y. Se o espermatozoide y fôr o fecundante, resultará um indivíduo do sexo masculino, e se o espermatozoide x fôr o fecundante, resultará um indivíduo do sexo feminino.

Este é o mecanismo genético da determinação do sexo, que controlará no embrião um complexo mecanismo fisiológico que resultará, não só na formação de um aparelho genital externo e interno; o qual por sua vez é controlado por um sistema hormonal, também regido por gens. Após o nascimento, em outras condições ainda continuará o mecanismo fisiológico funcionando e determinando futuramente o desencadeamento da puberdade, e só após esse período o indivíduo atinge uma completa maturidade sexual.

Podem ocorrer perturbações durante esse período, e até mesmo durante a idade adulta. Assim, por exemplo, uma mulher normal pode começar a apresentar caracteres sexuais secundários masculinos, como sejam aparecimento de barba, diminuição dos seios, e engrossamento do timbre de voz, e no entanto seus cromossomos são xx (para feminilidade). A causa mais freqüente é um funcionamento anormal de um par de glândulas situadas aos lados dos rins, e chamadas supra-renais; essas glândulas produzem hormô-

nios masculinizantes e feminilizantes nos dois sexos; nos machos predominam os masculinizantes (contribuem na formação dos caracteres sexuais secundários masculinos), e nas fêmeas, os feminilizantes. Se ocorrer um aumento da glândula, comumente causada por um tumor, podem predominar nas fêmeas hormônios masculinizantes e determinar o aparecimento de caracteres sexuais secundários masculinos. Vários outros casos podem surgir, sendo o tratamento deles feito em base hormonal ou de extirpação parcial da glândula.

Outro problema em relação à determinação do sexo, é a proporção entre eles; nascem mais meninos ou meninas? Existem mais homens ou mulheres adultos? Teóricamente deveríamos esperar (pela segregação dos cromossomos xy nos espermatozoides) que a proporção fôsse igual, isto é, nascessem 50% de homens e 50% mulheres, pois há 50% de probabilidade para cada espermatozoide com cromossomo x ou y fecundar o óvulo. Entretanto tal não ocorre. As estatísticas mostram que para cada 100 meninas nascem em média 106 meninos, variando em diferentes grupos raciais. As causas dessa desproporção ainda são ignoradas, mas a hipótese mais aceita, porém ainda não provada, é a de que o espermatozoide que contém cromossomo y é mais leve, por ser este menor que o que contém cromossomo x, e portanto terá mais facilidade para alcançar o óvulo. A existência de dois grupos de tamanhos de espermatozoides torna a hipótese provável.

Essa proporção inicial de 106 machos para 100 fêmeas não se mantém na idade adulta, e nem mesmo até o término da primeira infância, pois a mortalidade infantil é maior entre meninos que entre meninas. Uma das causas que para isso contribui é a seguinte: existem nos cromossomos x e y vários gens responsáveis por doenças hereditárias, e a maioria desses gens é recessiva (já explicado em artigos anteriores) e precisam de dose dupla para se manifestar, no entanto, nos meninos basta que seja recebido em dose simples, para que a doença se manifeste, desde que o gen esteja ligado ao cromossomo sexual, visto que o cromossomo y é pequeno e não possui o alelo alternativo. Assim várias doenças hereditárias só são encontradas no sexo masculino, e muito raramente no feminino, como a hemofilia (falta de coagulação no sangue), o daltonismo (visão deficiente para as cores verde e vermelho), certas distrofias musculares, etc.. Entretanto, não só esse fator deve ser responsável pela existência de maior número de mulheres adultas do que homens, devendo ocorrer

outros ainda ignorados. É sabido que biolôgicamente a mulher é superior ao homem, em relação à resistência a infecções, e a sua longevidade média é maior que entre homens. Essa superioridade vital da mulher é necessária, pois a gestação, parto e lactação sobrecarregam o organismo feminino. Todavia, todos esses fatos ainda não estão suficientemente esclarecidos, necessitando de progressivas investigações. De qualquer modo, é fenômeno comumente observável a ocorrência de mulheres de idade avançada, relativamente em maior quantidade quando comparadas aos homens da mesma idade, fato que tem servido de tema para a secção de um conhecido humorista. Este argumentava que «aos noventa anos há cêrca de 6 mulheres para cada homem, mas nessa idade que interessa...»



MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA !

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêle.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

CORRIA o ano da graça de 1911

Buri, pequeno lugarejo do ramal de Itararé que ficou famoso durante a Campanha de 32, já possuía destacamento da Fôrça Pública composto de um graduado e dois soldados, todos pertencentes à 4.ª Cia. do 3.º B.I.

Dentre os componentes do destacamento havia o soldado Ramiro, moço de seus vinte e poucos anos. Rapaz desempenado, caprichoso no uniforme, vivia a engraxar seus botzequins e a lustrar com caol os botões amarelos do fardamento azul-prêto com listas vermelhas, daqueles tempos.

SOLDADO RAZO, NÃO!

Subten. Sinésio Pontes

Dava gôsto ver o Ramiro nas suas horas de folga, passeando pelas ruas, todo lampeiro.

Quando envergava seu uniforme de brim branco era como se fôsse feito de papel glacê, tal era o rigor com que o mandava engomar.

Enfim, era um soldado alinhado, como se costuma dizer.

Uma bela tarde, quando Ramiro fazia dos seus passeios costumeiros

pela cidadezinha, parou em uma esquina com frente para um casarão de muitas janelas e grande beiral. Em uma delas, sorridente e muito bonita, viu u'a moça que lhe cativou à primeira vista.

Ramiro, como medida de prudência, olhou como se não tivesse a intenção de fazê-lo, com muita discreção, mas verificando que era êle o alvo daquele acolhimento sorriu também, e já cheio de si, ali ficou parado por longo tempo, deveras satisfeito.

Os dias se passavam e o flerte foi tomando corpo, até que o «mestre praça», depois de obter permissão por meio de sinais convencionados, foi fa'ar à sua eleita.

Uma nova, entretanto, estava reservada a Ramiro que o deixou seriamente aborrecido. Aquela môça, que veio a saber chamar-se Gabriela, mais conhecida por Belinha, era filha legitima do Major Crispiniano, político influente na zona e homem de boas posses.

Mas o amor não tem fronteiras, diz o velho ditado; e os dois namorados iam conversando furtivamente, acalentando aquêle amor nascente.

Não demorou muito, porém, e o Major soube da história. Proibiu os encontros, determinando a Gabriela que deixasse aquilo sob pena de severo castigo. Será que não havia mais homem naquela terra?! pensava.

Tanto rapaz que andava louquinho por casar. Quase todos filhos de fazendeiros do lugar. E além disso Gabriela não era lá tão feia que não encontrasse melhor partido!

Mas Gabriela gostava mesmo era do soldadinho, como costumava dizer às suas amigas.

Vendo o Major que aquêlê romance tinha que ser desfeito com energia, não titubeou. Mandou chamar em sua casa o nosso «polidório» e foi categórico:

— «Seu» Ramiro, o senhor vai me descurpá, mas eu num posso deixá minha fia casá cum sordado...

— ?

— Se o senhor fôsse o menos um graduado!... E acrescentando:

— O senhor compreende. Eu tenho minha posição i não me fica bem fazê uma fia casá cum sordado razo!...

As últimas palavras do Major arrourou ainda mais nosso polícia.

Percebendo que não adiantava insistir, Ramiro retirou-se com o coração confrangido, vendo seu sonho desfeito e sobretudo, ferido no seu amor próprio.

Dois dias depois Ramiro tomava o trem rumo à Capital, com um pensamento a latejar-lhe o cérebro.

Chegou em São Paulo e foi direitinho para o quartel do seu batalhão, na Várzea do Carmo. Procurou incontinenti o «brigada» e falou com êle demoradamente. Ficou no quartel mais uns três ou quatro dias e, findo êsse prazo, a Ordem do Dia publicava: «Seja elevado ao posto de anspeçada por merecimento, o sd. nº. 45 da 4ª. Cia., Ramiro

Musa Soares», pois era êsse o seu nome completo. Embora não ganhasse um tostão a mais, era um graduado.

No dia seguinte Ramiro tomava o trem na Sorocabana e retornava destacado em Buri.

Chegou, e da estação foi direitinho a casa do Major Crispiniano. Parou à porta do casarão e bateu palma com certo nervosismo. Ao ser recebido pelo próprio Major foi logo dizendo:

— Pronto seu Major, fui promovido a ANSPEÇADA. Olhe aqui a lapa — disse mostrando sorridente a divisa (um sotache de pano vermelho formando um ângulo), da manga direita.

O Major olhou, sorriu e proclamou enfaticamente:

— Agora sim, «seu» Ramiro! Muito bem! O senhor já pode sê meu genro — e gritou forte voltando a cabeça na direção ao interior da casa:

— Belinha, venha cumprimentá seu noivo, bobona. Êle tá aqui!

Dias depois o nosso graduado voltava da igreja de braços com Gabriela, acompanhado de grande número de parentes da noiva, em grande contentamento.

E Ramiro, olhando para os dois soldados que foram assistir ao seu casamento, pensava:

— Não sei como podem viver êsses pobres soldados razos!

O coração nunca envelhece. Basta um sorriso, um nada, um alvorôço e tudo nêle se ilumina e aquece.

(Lamartine)

IGNORÁVAMOS outros companheiros de opinião quando escrevemos "Sugestões para o caso das Guianas", artigo incluído em nossos ensaios "Exposição e Crítica". Aí dizíamos que os guianos só ganhariam como integrantes da União Brasileira, dado o grande futuro potencial do Brasil e as características da civilização absolutamente nova que estamos erigindo:- tropical, de integração de raças, de alto valor espiritual. Dizíamos que os países administradores das Guianas perderiam mais cedo ou mais tarde, pela lógica das emancipações e pela nenhuma identidade demonstrada entre colonizadores e colonizados. Entretanto, poderia o Brasil adquirir aquelas áreas, o que seria, sempre, um negócio melhor, para as metrópoles, do que vir, de futuro, a perder, pura e simplesmente, tais domínios. Para a América seria o término do colonialismo. O fim de corpos estranhos encravados em seu território. Bases, quem

AINDA O CASO DAS GUIANAS

Professor Paulo Henrique

sabe, para fermentações ideológicas ou para espionagem desvantajosas ao continente, muito em particular ao Brasil, o maior limítrofe das Guianas. Da nossa parte, poderíamos incluir a assimilação e a valorização das Guianas no plano geral de Valorização da Amazônia, visto que a região guiana seria pequeno acréscimo à vastidão da amazônia, com a qual mantém enorme semelhança. Considerando que o artigo 199 da Constituição determina que a União aplique, pelo menos, 30% da renda tributária na valorização econômica da Amazônia e que, por outro lado, essa renda tende a subir em ritmo cada vez mais vertiginoso, em face da enorme expansão econômica do Brasil, fácil será obter os recursos financeiros para a compra daqueles territórios sob bandeiras européias, bem como para promover o seu desenvolvimento e assimilação, tudo, subentenda-se, como parte do Plano de Valorização da Amazônia. Daí, passamos a analisar as vantagens imediatas que teríamos, restando-nos, finalmente, no futuro, o aproveitamento

de matérias primas, espaços e populações que poderão nos resarcir dos gastos da aquisição. Mais tarde viemos a conhecer o livro "Geopolítica do Brasil" do ilustre brigadeiro Lysias Rodrigues, editado em 1947, no qual o autor faz a apologia da compra da Guiana Francesa por diversas razões, muito particularmente para ampliar a área de defesa do braço norte do Amazonas. Com efeito, enquanto os Estados Unidos procuram esticar as defesas do canal do Panamá, tendo base desde as Galápagos às Antilhas e a Georgetown, nós nos encolhemos ante o estuário amazônico, chave do imenso e fabuloso vale, que guarnecemos com fechos tão frágeis. Precisamos de uma base aérea em Caiena. O território só representa ônus para a França, não tendo significado estratégico especial para esse país amigo, que o poderia, pois, ceder-nos, mediante indenização. Finalmente, tivemos contato com "O BRASIL EM FACE DO PRATA", de Gustavo Barroso, edição de 1952 onde, no capítulo "BANDEIRAS EUROPÉIAS NA AMÉRICA", o autor concita o Brasil e a Venezuela a adquirirem as Guianas, seguindo o exemplo ianque ao comprar o Alasca, o que eliminou a América Russa do setentrião. Tal capítulo resulta de artigo daquele acadêmico, na "Gazeta" de São Paulo, em fins de 1929. E éle, assim, depois de D. João VI, o pai da idéia que teve robusto apóio no brigadeiro Lysias, vindo, só então, o autor desta linha. Pudemos porém, graças ao estudo anterior, receber várias críticas que nos armaram com novos argumentos, levando-nos a outra carga. *Ei-la*:- I.º "O BRASIL JÁ TEM MUITA TERRA". Objeção muito fraca. Pensassem assim os brasileiros primitivos, e seríamos um Chile atlântico. Pensassem assim os chineses, e seriam a Manchúria. Os russos seriam ducado de Moscóvia. Os Estados Unidos, as 13 colónias ... Terra — e responderemos meramente em termos financeiros, como o nosso opositor, pondo à margem todos os argumentos civilizadores, humanos e morais, facilmente mobilizáveis para a nossa tese, — terra, dizíamos, ainda é um dos melhores investimentos; a mais segura reserva de uma nação. II.º — "O BRASIL NÃO TEM DINHEIRO" — Quem tem montanhas de manganês; de monazita; paisagens, que o turismo transformará em renda; um dos mares mais ricos em sal e peixes — tem e terá muito dinheiro. Só alegam a pobreza do Brasil os loucos. Portos naturais, cachoeiras, terras aráveis, florestas, jazidas — o que são senão bom dinheiro? Dizer que o Brasil não terá, dentro de uma década apenas, libras, florins, e francos para adquirir tôdas as Guianas de uma só vez, se o desejar, será como dizer que Rockefeller não tem patacas para um aperitivo. III.º — "POVOS PODEM SER VENDIDOS?" — Não e sim. A França adquiriu a Córsega da Itália. Os Estados Unidos adquiriram a Lousiana da França, a Flórida da Espanha; pequena

parte do Oregon, da Inglaterra; o Alasca da Rússia. O Brasil comprou o Acre da Bolívia. Quando os povos já têm o número e a consciência dos anglo-guianeses, o problema já não é tão simples. Mas há o plebiscito. Há o esclarecimento do povo, evidenciando-lhe vantagens (extinção da segregação racial, da condição colonial, por ex.) ou garantindo-lhe direitos. Garantia, v. g., por 20 ou 30 anos, de respeito à língua, aos códigos e aos sistemas métricos vigentes. Paulatinamente iriam adotando os novos povos chamados à União Brasileira o idioma nacional, o sistema decimal de medidas, os códigos pelos quais nos regemos. IV.º — “HÁ GRANDE DIFICULDADE DE ASSIMILAÇÃO”. O brasileiro é um amalgamador irresistível. É a “água-régia” que dissolve qualquer povo tido como imiscível. Mandem-se para as Guianas, apenas, os fugitivos das secas do Nordeste e nos contem. 2 ou 3 décaças depois, o resultado. A imiscibilidade de certas minorias guianas é quase cultivada pelas metrópoles. Os povos daqueles territórios, sem uma política de fusão, antes, com política de agregação praticada pelos colonizadores, ficam, obviamente, divididos em indus, javaneses, negros, índios e europeus. Os portugueses fundiram-se com os indus em Goa; seus descendentes, os brasileiros, fundir-se-ão por razões mais claras, com a maioria indostânia que habita a Guiana Inglesa. Os portugueses se identificaram com os malaioes em Timor; os brasileiros unir-se-ão, ainda melhor, com a maioria javanesa que forma o Surinam. E quanto à maioria negra da Guiana Francesa, bem como minorias ameríndias e alguns milhares de europeus de várias procedências, nem é preciso argumentar. Acresce que os brasileiros já resultam de cruzamentos complexos e recentes, o que ocorre ao português, e, ainda, há a considerar, entre os guianos e brasileiros, toda a ambiência comum — selvas, pântanos e rios da América tropical. Junte-se, a tudo isto, o baixíssimo índice demográfico, que tanto auxiliaria uma eventual assimilação dos guianos pelos brasileiros. V.º — “ACESSO DIFÍCIL POR MAR”. — Nem tanto, pois há rios de penetração, navegáveis por embarcações de calado médio. E não seja por isso. O Piauí foi colonizado pelo interior graças aos boiadeiros. Pois, aí está, por exemplo, Boa Vista, no Território do Rio Branco, como excelente base de penetração terrestre, tanto mais que é centro criador. VI.º — “PARA QUE O BRASIL DESEJA MAIS BREJO”? Uma simples olhada no mapa altimétrico da América do Sul demonstra o equívoco. A altitude média da maior parte das Guianas Holandesa e Francesa está entre 200 e 500 ms, havendo áreas apreciáveis de 500-1000 ms. Isso não ocorre no Amazonas, Pará, Maranhão e Territórios Federais da Amazônia, cujas terras estão, em sua quase totalidade, de 0-200 ms. Mesmo a Guiana Inglesa, que é, em média, a mais

baixa delas, tem altitude superior àquelas regiões brasileiras, às quais podemos acrescentar o próprio Rio Grande do Sul. O mesmo se pode dizer de países vizinhos como os platinos — Uruguai, Argentina e Paraguai. E nem se pergunte o que se faz dessas terras americanas! Delas se extrai borracha, castanha, juta, madeiros e óleos vegetais; seus campos servem de imensas pastagens naturais; suas várzeas dão arroz; seus plainos recobrem-se de cana e, até, de trigo de variedades tropicais. O que impressiona nas Guianas é o fato de a parte baixa estar próxima do mar, ou seja, ser a mais avistada pelos visitantes. Vindo-se, da região serrana, fronteiras com o Brasil, adentram-se centenas de quilômetros em terreno transitável, firme e de bons ares. O clima de beira-mar, os pântanos, as matas, os insetos, dão uma antevisão particular e errônea do país. Que o diga o simples golpe de vista, do quadrilátero compreendido entre 0° — 5° de latitude N e 54° — 60.º de longitude W do meridiano de Greenwich. Somem-se, ao dito, os inseticidas modernos, a aviação, os imensos recursos técnicos dos nossos dias, que removeram os primitivos óbices à posse da terra equinoxial pelo homem. E compenetremonos, mais uma vez, de que somos uma civilização tropical, — a que, por sinal, alcança maior número de pessoas e a mais auspiciosa, dentre as contemporâneas.

Resumo:- Tanto o Brasil como a Venezuela podem e devem, por razões de ordem política, humana, financeira, adquirir as Guianas. As nações européias não poderão mais arrastar, por muito tempo, os latino-americanos com um colonialismo que já periclitava nos mais atrasados continentes. Não é justo que os guianos (referimo-nos aos negros, aos índus, aos índios e aos malaios, e não aos seus patrões brancos) prossigam, sem maiores esperanças, no analfabetismo, sem leis que regulamentem o trabalho, sem remédios para as suas endemias, e em situação infinitamente mais lamentável, mesmo que a lamentável situação das populações do interior remoto do Brasil e de outras nações tropicais da América Latina. A Venezuela, em ótima situação financeira momentânea, graças à alienação de seu petróleo a grupos estrangeiros, pode fazer sua parte, adquirindo a Guiana Inglesa. E que o faça em tempo porque, se não, um dia, ver-se-á com seus poços de óleos vazios e sem haver adquirido nada de permanente, com as divisas daí provindas. O Brasil que inicie pela compra da Guiana Francesa e transformação da mesma em Território Federal, pois já há um objetivo imediato — a construção de base aéro-naval de Caiena, reforço necessário à defesa do estuário Amazônico. As dificuldades de assimilação são mínimas, já pelas afinidades existentes entre os brasileiros e os colonizadores franceses, já pela área mais reduzida, já pelo índice demográfico, que é o menor dentre

APRENDA INGLÊS EM UM ANO!

(BASIC ENGLISH)

ESCOLA "GENERAL RONDON"

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo

os constatados nas 3 Guianas. Da imediata aquisição da Guiana Francesa pelo Brasil várias conseqüências resultarão, tais como: - a) — experiência que nos levará, ou não, assim como à Venezuela, à compra das outras Guianas; b) — incentivo às nações européias para que mudem seus métodos de tutela, objetivando a redenção, cultura e enriquecimento dos nossos vizinhos guianos; c) — estímulo à independência dos guianos ingleses e holandeses, cujo número e grau de adiantamento são superiores aos dos guianos franceses. Acreditamos que muitas lições pode tirar o Brasil das Guianas. Por exemplo, a vantagem de se trazerem para o Amazonas javaneses e indus, imigrantes abundantes e baratos, e que, para nós, que não somos racistas, nenhum inconveniente apresenta. Outros exemplos: a compra dessas colônias contribuirá para por fim ao contrabando e permitirá maiores sucessos na luta contra a lepra, que ora se trava no Amapá, e, em escala menor, em toda a Amazônia.

Acreditamos que, com a perda de certos domínios pelos europeus — Insulíndia, pela Holanda; Índia, pela Inglaterra; Indo-China, Síria e África do Norte, pela França — êles se concentrarão no colonialismo americano, no qual jogarão enormes capitais, prolongando o infeliz domínio dos guianos. Que o Brasil e Venezuela alertem-se, por si próprios, pelos guianos, e pela América, antes que fuja a última oportunidade para a solução de um problema que, talvez, remotamente, cause preocupações e ressentimentos.

VAMOS CONVERSAR SÔBRE ENERGIA ATÔMICA

II - A BOMBA H

Para que se possa dizer qualquer coisa sôbre a bomba de Hidrogênio, é preciso que se saiba distinguir, bem, fissão de fusão. Vimos, quando tratamos da Bomba A, que a energia desprendida provinha da desintegração (fissão) de um núcleo pesado (U²³³, U²³⁵ ou Pu²³⁹). A energia desprendida quando da explosão da bomba H provém da reunião (fusão) de núcleos leves (geralmente deutério e trítio).

Vamos começar pelo começo. O hidrogênio é o átomo mais leve que se conhece, pois é formado de um próton (carga elétrica positiva) e um elétron (carga elétrica negativa) girando a sua volta. O Hidrogênio (H) normalmente não possui nêutron em seu núcleo, pois só tendo um próton não tem o que repelir com sua carga elétrica interior. Outros átomos que têm mais de um próton, necessitam de nêutrons (pelo menos tantos quantos forem os prótons) para evitar que os prótons, possuidores de cargas elétricas iguais, se repilam.

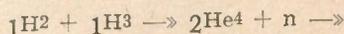
Podem aparecer, espontaneamente ou criados de modo artificial, átomos de H, que além do próton, possuem um ou dois nêutrons em seu

núcleo. Estes dois elementos seriam isótopos do Hidrogênio chamados, respectivamente, deutério e trítio.

Isótopo é um elemento que possui o mesmo número de prótons que outro, mas número de nêutrons diferentes, tendo, portanto, as mesmas qualidades químicas, mas peso atômico diferente. (O número de cargas elétricas dos átomos é que determina as qualidades químicas dos elementos).

Usa-se a seguinte grafia: — $1H^1$ (hidrogênio), $1H^2$ (deutério) e $1H^3$ (trítio), em que o número que vem à esquerda e em baixo é o número de prótons, e o que vem à direita e no alto é o número correspondente à massa do núcleo.

Se conseguimos reunir um núcleo de deutério é um núcleo de trítio, teremos a formação de um núcleo de Hélio (dois prótons e dois nêutrons) e a emissão de um nêutron. A reação é a seguinte:



Nessa reação, (fusão) como na (fissão), há desprendimento de enorme quantidade de energia, decorrente da transformação de massa em

energia. O elemento resultante é mais leve que a soma dos elementos componentes, pois certa quantidade de massa transforma-se em energia.

A energia desprendida em uma fusão é muito superior à resultante da fissão do Urânio e a obtenção do deutério (existente na água do mar) e do trítio, (conseguido através do bombardeamento de lítio com neutrons) é muito mais fácil e econômica que a obtenção do Urânio. Mas (há sempre um «mas») esta reação só se processa quando os elementos componentes estão animados de vitalidades consideráveis, a fim de que, excitados, suplantem as forças de repulsão das cargas elétricas dos protons.

A aceleração de partículas por máquinas construídas pelo homem (ciclotron, betatron, operador Van den Graaf, etc.) são de um rendimento deplorável. A única solução é submeter as partículas a elevadíssimas temperaturas (10 milhões de graus), para que a agitação térmica comunique aos núcleos a vitalidade

necessária. Para se fazer uma idéia do que sejam as temperaturas necessárias, basta que se diga que a temperatura da periferia do sol é de cerca de 6 milhões de graus, e do centro de 20 milhões.

A humanidade não conhece ainda meios para produzir tais temperaturas a não ser através da explosão de uma bomba atômica. E' justamente isto que se faz na explosão da bomba H.

Detona-se a carga de Urânio (ou plutônio) em presença de deutério e trítio, e a explosão do Urânio cria as condições necessárias para a fusão dos isótopos do hidrogênio, provocando a explosão termonuclear.

Verifica-se que para a bomba de hidrogênio não há massa crítica, podendo portanto ser construída de qualquer tamanho, sendo esta uma das razões da sua tremenda potência, pois além do desprendimento de energia ser maior na «fusão» do que na «fissão», não há a restrição de tamanho imposta na bomba «A».

NOTA: — Recebi com prazer várias manifestações de interesse pelo primeiro artigo «VAMOS CONVERSAR SOBRE ENERGIA ATÔMICA», o que me animou a continuar. Peço escusas ao ilustre professor HANS PETER HEILMANN por tratar na «Militia» do mesmo assunto que ele, mas penso que a matéria é vasta e o interesse grande. Depois, há espaço para nós dois.

Recebi também algumas consultas. Permitam-me responder as que me pareçam mais interessantes para os leitores. Sempre que possível responderemos citando fonte autorizada.

Pergunta P.D.O. como funciona um contador Geiger Muller.

Pag. 110 do ótimo livro «O ATOMO», de Fritz Kahn.

«Consiste este aparelho num tubo metálico que contém um gás, preferivelmente um dos gases nobres. Pelo eixo central do tubo corre um fio delgado, parte dum condutor eléctrico. Quando, de uma bateria, se faz passar uma corrente eléctrica, ela circula através do fio e das paredes do tubo; em circunstâncias normais nada aconteceria, porque o fio está isolado, e o gás, quando intato, não conduz a corrente. Se, todavia, penetrarem no aparelho eléctricos do ambiente externo, mesmo que seja um só eléctron, desintegram eles, no seu voo, átomos do gás isolante, o qual passa então a ser «ionizado». Ora, um gás com átomos desintegrados é, contrariamente ao gás de átomos intatos, ótimo condutor de electricidade. Dá-se uma espécie de curto-circuito entre o fio e a parede metálica, mas um circuito suave que faz lembrar os relâmpagos da atmosfera, relâmpagos esses que são registrados pelo aparelho; raios fulminantes só os há em caso de perturbações violentas. Pode-se ligar esse aparelho a um alto-falante, e percebe-se então um como crepitar ou pipocar; pode-se combiná-lo também com sinaleiras de qualquer espécie, munidas de lâmpadas intermitentes ou campainhas de alarme, e verificar, destarte, a invasão de eléctricos. Existem aparelhos tão sensíveis que acusam a presença de um único átomo radiante no meio de 100 milhões de átomos não radiantes. Há modelos que não excedem o tamanho de um grão de arroz, podendo ser ocultos nos mais recônditos esconderijos, como os microdetectores da ciência moderna».

Gostaria de acrescentar algo. O contador funciona também com a passagem de outras partículas, como por exemplo a «irradiação alfa» (núcleos de Hélio), por exemplo. A partícula, na passagem, arranca eléctricos dos átomos do gás do interior do tubo, «ionizando-os» e provocando igual funcionamento do aparelho. Para os raios gama (que não são partículas e sim irradiações de energia) há uma variante do aparelho, pois as irradiações de energia não provocam ionização em sua passagem através do gás. Então utiliza-se, á entrada do tubo, uma placa metálica que atingida pelas irradiações gama provocam emissão de eléctricos e estes fazem funcionar o aparelho.

PARABÉNS, FÔRÇA PÚBLICA

CAP. PLÍNIO D. MONTEIRO

(ILUSTRAÇÃO DO AUTOR)



Seu passado está repleto de brilhantes tradições guerreiras de lutas contra a baderna e a caos político, e sua ação se estendeu por todos os recantos da Pátria. Seus serviços de polícia militar foram sempre cumpridos à risca, com denôdo e sacrifício. E seria repisar fatos que vivem na memória dos seus elementos componentes, falar do pretérito da Organização, pois essa época de fulgor já se encontra entrelaçada com os lauréis mais importantes de nossa História Pátria, desde «as priscas eras que bem longe vão».

Depois, por fôrça de circunstâncias várias, como sempre sucede na existência dos indivíduos, na vida das organizações, no percurso dos povos através dos tempos, veio a época de inércia, de contemplativa admiração pelo passado, e de esperança de retôrno aos dias de luta, mas já agora em busca de outro campo que também sempre lhe competiu, e que dela se foi afastando — a ação puramente policial.

Não a colocaram nessa situação a inépcia de seus dirigentes, nem a indiferença de seus homens, mas tão somente o jôgo de interesses estranhos ao seu meio e à sua vontade.

A reação teria que despontar um dia, porém não se apresentava uma oportunidade real e almejada de demonstrar a capacidade daqueles, que por serem seus filhos, desejavam encontrar uma ocasião da sua Fôrça Pública se salientar, não por pura vaidade coletiva, todavia para justificar sua existência e prestar seus valiosos e anônimos serviços em prol da sociedade paulista.

Tudo isto vem à baila em função dos acontecimentos da última greve, que paralizou o trabalho operário nesta Capital.

Seja qual fôr a reação que venha a se apresentar, seja qual fôr a crítica que se lhe possa fazer, a Fôrça lavrou um brilhante tento, com a demonstração precisa de que seus homens sabem fazer policiamento, conhecem o «metier», e podem agir em sua missão precípua com tôda a eficiência, ainda que com meios escassos, materialmente falando.

Viu-se que a Fôrça sabe o que quer. Alguma falha deve ter havido (pois só Alá é perfeito), alguma coisa deve ter desgostado alguns; entretanto, aquêles que, por fôrça das funções, tiveram a oportunidade de observar o conjunto, verificaram um magnifico trabalho de equipe, uma eficiente compreensão dos deveres, bastando citar que entre aproximadamente 4.500 elementos empregados em 11 setores policiais, abrangendo a Capital e Municípios visinhos, não houve se não duas ou três baixas ao H.M., essas mesmas com alta antes de 24 horas, e retôrno ao serviço de vigilância nas fábricas. E, quanto à calma e discernimento no exercício das funções policiais, foi dignificante para a Corporação, a maneira de agir de seus homens, sempre comedidos, sempre obedecendo mesmo as ordens que lhe pareciam um tanto esquesitas já que, como simples e imprescindível tijolo, não lhe era dado contemplar o conjunto do edificio.

Em síntese, pela primeira vez, em longos anos, foi concedida a oportunidade à Fôrça Pública executar um serviço de larga envergadura, sob sua própria orientação, com os seus soldados às ordens dos seus respectivos Comandantes; já não se empenhou somente os elementos dos escalões hierárquicamente mais baixos; também, com visão realística dos fatos, utilizou-se a atividade direta de seus oficiais superiores, mantendo a ordem em centenas de fábricas do «maior centro industrial da América Latina».

A Fôrça fêz policiamento e o fêz bom, demonstrando sua justa capacidade de ação.

Parabéns, Fôrça Pública, e que possas daqui por diante, sempre que necessário, demonstrar seres uma capacitada policia militar, que completa êste ano seu 126.º ano de proficuas e sãs campanhas.

Errar... é humano, perdoar é divino. Esse dito já tem seu lugar na boca do povo, mas geralmente seguimos somente a primeira parte do rifão; quanto ao perdoar... isso são outros quinhentos cruzeiros.

Será tão difícil perdoar?... Nós, comumente, dizemos que perdoamos, mas sempre que surge uma oportunidade relatamos o fato e criticamos o nosso adversário «perdoado».

Leis e mais leis são cotidianamente promulgadas, mas... a lei, ora a lei!!! De todas as leis que existem neste mundo louco, — poucas ou talvez nenhuma — são seguidas de acôrdo; há sempre um jeito, uma maneira de a burlarmos, seja ela lei federal, estadual, municipal, e até da própria religião. Para que tantas leis, se ninguém as segue? Para que tantas ordens se há pessoas que estudam anos e anos para burlá-las, ou procurar ludibriar os legisladores?

PONHA-SE NO LUGAR DO OUTRO

DR. PLIRTS NEBÓ

Seria tão bom se não existissem leis... Assim ninguém teria de «dar um jeito» para «passar por cima»... Não haveria tanta perda de tempo em organizar os «sindicatos dos fora da lei», não haveria legisladores, políticos, advogados de acusação, defesa, polícia, ladrões, assassinos, bandidos, metidos, decaídas, etc.

Tudo isso surgiu quando o primeiro homem disse:— Isto é meu. De lá para cá tem aparecido milhões de leis. Essa foi a primeira lei «possessão», e dessa veio sua «prima» a ganância, a moral, etc.

Para tudo e para todos há uma lei (ainda bem que a maioria não leva sério).

Mas, haveria uma possibilidade, pelo menos, de restringir esse número tão elevado de leis?

Há!

Suponhamos utòpicamente que cada um agisse de acòrdo com o bom senso... (mas ainda há bom senso no mundo?)... Não! Assim não dá certo...

Se todos fòssemos iguais?... (Mas o que seria dos espertos?) Não! Não daria certo, também...

Se cada pessoa, antes de cometer uma injustiça, ou um ato obtuso, se collocasse no lugar do «outro»... Eis aí a solução! Sim, se nos collocássemos no lugar da pessoa a quem vamos ludibriar, roubar, bater, assassinar, etc... penso que não concordaríamos em que aquilo acontecesse conosco... E então valeria a pena pensar no outro rifão popular... «NÃO FAÇAS A OUTREM O QUE NÃO QUERES QUE TE FAÇAM»... Seria espetacular!... Não haveria outra lei no mundo!... Não precisávamos de mais nada de burocracias legislatórias e tudo se resolveria satisfatòriamente para ambas as partes em litígio...

Por isso, leitor amigo, neste mundo que atravessamos, tão sarcástico, tão duro, tão impuro... seria interessante que, aos poucos, lentamente, fòssemos ministrando um pouco dessa LEI das LEIS aos nossos filhos, parentes e amigos, à fim de, talvez, num futuro remoto, pudéssemos assistir «lá de cima», a uma vida melhor, a um NOVO MUNDO de HOMENS e para HOMENS.

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

«Os senhores oficiais-alunos do curso de Polícia Militar deverão, pela apresentação pessoal, pelo porte, maneiras e dignidade, confirmar o alto prestígio que goza a Polícia Militar do Exército dos Estados Unidos».

Foram estas as primeiras palavras que o cap. Jorge A. Matos, comandante da Divisão de Polícia Militar da Usarcarib School, dirigiu a um grupo de 17 estudantes costarriquenhos, guatemaltecos e brasileiros. Com efeito, com o decorrer dos dias, fomos observando a eficiência, o senso de responsabilidade, o elevado espírito de corpo e a magnífica apresentação dos componentes da Military Police.

tação; Div. de Engenharia; Div. de Automotriz; Div. de Armas e Tática de Infantaria.

As divisões e a instrução são supervisionadas pelo Escritório do Secretário e os assuntos relacionados com o pessoal estão a cargo do Escritório do Pessoal. A sede da Escola está localizada em Fort Gulick, um vastíssimo, maravilhoso e confortável estabelecimento militar norteamericano. Os demais fortes do Canal Zone são: Clayton, Davis, Sherman e Kobe (do Exército); Coco-Solo (da Marinha); Albrooke Field (Usaf). Em cada forte há um comandante e todos se encontram sob o comando de Quarry Eights que é o Q.G. das forças ame-

A USARCARIB SCHOOL

Tenente Cid B. Marques

Usarcarib School — abreviatura de Escola do Exército dos Estados Unidos em Caribe — iniciou suas atividades em 1949 com a finalidade de aperfeiçoar os conhecimentos dos oficiais americanos. Posteriormente estendeu suas atividades com relação a oficiais latino-americanos desenvolvendo-se sempre até chegar ao notável ponto em que hoje se encontra. Há atualmente nove divisões de instrução, ou seja: Div. de Comando e Estado Maior; Div. Administrativa; Div. de Polícia Militar; Div. de Artilharia; Div. de Comunicações; Div. de Serviço de Alimen-

ricanas em Caribe. Cada forte possui o que se pode imaginar de mais moderno, o que permite uma vida confortável e completamente independente. No Fort Gulick, por exemplo, há magníficas residências para oficiais e sargentos americanos, cômodos, imponentes e higiênicos alojamentos para estudantes, piscina, moderno pavilhão de jogo de boliche, cinema com tela panorâmica e ar refrigerado, barbearias, serviço postal, bilhares, clube de oficiais, de sargentos e de praças, cantinas nas quais pode-se tomar quaisquer tipos de bebidas, postos de vendas de mer-

cadorias, praça de esportes, hospital e igrejas, tudo tendo por moldura a imponente selva panamenha e o formoso Lago de Gatun.

A DIVISÃO DA POLÍCIA MILITAR

É com verdadeiro orgulho que ostentamos na gola da nossa farda a insígnia da Polícia Militar, pois ela inspira respeito e admiração. A imponência, o prestígio e o respeito que se tem por um membro da Polícia Militar excedeu à nossa expectativa.

As dependências da Divisão são limpas e confortáveis como salão de casa nobre. Há dois amplos salões de aulas dotados de projetores, telas e meios auxiliares de instrução, um pequeno cinema, salão para «judo», além de dependências especiais para aulas práticas.

Os nossos instrutores são oficiais e sargentos do Exército Americano, havendo também um oficial do Exército Peruano e um oficial da Polícia Militar do Distrito Federal. As aulas são ministradas em castelhano e normalmente após cada aula assistimos a um filme que reproduz a aula dada. Tudo é feito de forma a ministrar-se uma instrução prática, o que nos exige atenção e trabalho constantes. Contudo, não deixamos de receber toneladas de polígrafos — que aqui se chamam «hojas avanzadas» — o que volve constantemente a nossa lembrança para o C.F.A..

Entre as matérias que estudamos constam: controle de distúrbios civis, técnica de comando, investigação criminal, trânsito, ataque e defesa, pedagogia e organização da Polícia Militar. Cada matéria é dada seguidamente até esgotar o assunto e em seguida faz-se o exame, o que

quer dizer que temos exames tôdas as semanas. Para ser aprovado o estudante tem que fazer 700 pontos em dez exames, isto é, demonstrar um mínimo de 70% de aproveitamento em cada matéria. Os meios auxiliares de instrução são interessantes e simples e sempre que um objeto é descrito, é êsse mesmo objeto mostrado aos estudantes.

Três coisas nos impressionaram muito: uma é a apresentação do instrutor para a aula: cabelo cortado, barba feita, insígnias e distintivos reluzentes, sapatos engraxados e uniforme impecavelmente limpo e engomado; outra foi a preocupação dos americanos pelo nosso conforto, pois dormimos em colchões de molas, a roupa de cama é trocada de dois em dois dias, dispomos de salões de jogos, rádio, televisão e somos arguidos freqüentemente a respeito da alimentação, pois pretendem servir refeições que sejam bem parecidas com as quais estamos acostumados em nossos países, sem dúvida bem diferentes das dos americanos; a terceira foi o elevado padrão de vida. Aquêles que não possui pelo menos um automóvel, máquina de lavar roupa, televisão e uma alta fidelidade, é bem difícil de se encontrar.

Um exame consta invariavelmente de duas partes: assinalar o falso ou o verdadeiro e escolha múltipla. Não existe o problema da «cola», «lembrete» ou consulta ao vizinho, pois, encimando cada prova está escrito em letra bem legível: ao assinar a sua prova você se compromete pela sua honra de Oficial e cavalheiro, a não lançar meios que não sejam a sua própria inteligência e sabedoria.

Isso é apenas um apêlo, mas os que não o atendem podem sofrer a severa sanção de serem afastados do curso, retornando imediatamente ao país de origem.

E' bem verdade que estamos satisfeitos pela oportunidade de realizar esta viagem e de cursar esta

escola, mas é bem verdade também que isso nos tem custado esforços físicos, intelectuais e um penoso afastamento de nossos pais, espôsas e filhos. O que nos anima é a idéia de que tudo que aprendermos e observarmos pertencerá à Fôrça Pública, que merece todo esforço e qualquer sacrificio.



RUMARAM À USARCARIB
SCHOOL — CANAL ZONE

Grupo feito no Aeroporto Internacional do Galeão, no dia 20 de novembro de 1957, por ocasião do embarque dos oficiais que se destinaram à Usarcarib School — Canal Zone — onde freqüentaram o «Military Police Cour's».

São êles:

Da Polícia Militar do Distrito Federal — 1.º ten. Neyl Hamilton Neves Soares; 2.º ten. Danilo Rodrigues de Barros; 2.º ten. Clovis Sebastião Parente Viegas.

Da Fôrça Pública do Estado de São Paulo — 1.º ten. João Bidin; 1.º ten. Raul Humaitá Vila Nova; 2.º ten. Cid Benedito Marques; 2.º ten. Domingos Cardamone.

Da Brigada Militar do Rio Grande do Sul — 1.º ten. Carlos Irajá da Mota Kieling; 1.º ten. Fernando Bandeira Bohrer; 2.º ten. Esaú Alvorcem; 2.º ten. Clovis Antônio Lares.

GANHE DINHEIRO EXTRA!



Excelente oportunidade para V. aumentar o seu rendimento mensal, numa atividade agradável que V. poderá exercer entre seus próprios amigos e colegas. Trata-se da venda de **Cestas de Natal "DOMUS"** cestas que reúnem produtos selecionados, das melhores marcas.



Ótimas condições de vendas e comissão muito vantajosa.

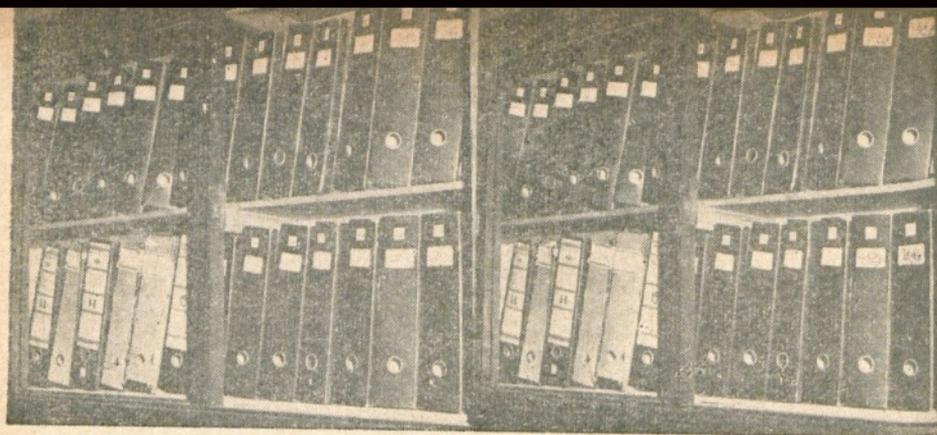


Visite-nos, para convencer-se de que V. pode ganhar mais dinheiro.



Cestas de Natal "DOMUS"

— FILIAL EM SÃO PAULO —
PRAÇA DAS BANDEIRAS, 40 - 9.º ANDAR - CONJUNTO 9-B
TELEFONE: 34-1421



(Figura 1)

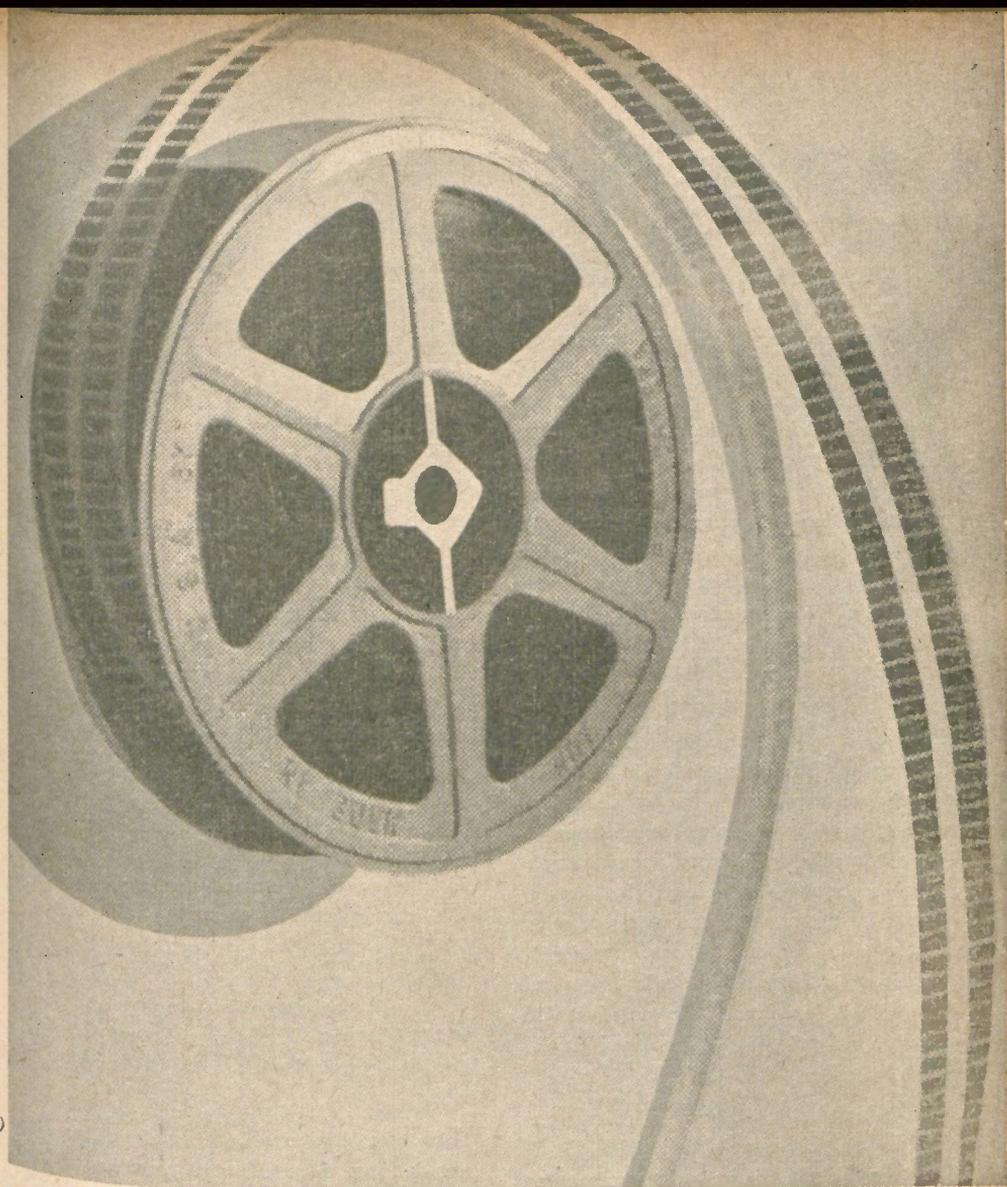
Emprêgo da Microfilmagem em Arquivos

Em escritos já publicados, em entrevistas à imprensa, em conferências, em trabalho enviado ao 1.º Simpósio de Bibliografia e Documentação que se realizou em fevereiro de 1956, em São Paulo, sob os auspícios da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e alhures, tivemos oportunidade de salientar a importância da aplicação do microfilme como instrumento documentário moderno e apto para os trabalhos e intercâmbio das informações científicas e técnicas no mundo atual, evidenciando-se o progresso extraordinário, que o sistema atingiu, nestes anos. Entretanto, o microfilme assume não menor importância, enquanto o instrumento documentário destinado é apto à conservação de material informativo. Constata-se, que, em numerosos países europeus e americanos, aumenta, consideravelmente, o emprêgo do microfilme no âmbito dos arquivos.

G. Oscar Campiglia

Diretor do Serviço de Documentação da
Comissão de Pesquisas e Extensão Uni-
versitária - Univ. de São Paulo

Bertren Gille, dos Arquivos Nacionais de Paris, publicou na revista "Archivum" um aprofundado e oportuno estudo, fixando algumas regras de caráter geral para indicar, com certa precisão, os limites dentro dos quais o emprêgo deve ser mantido, considerando que o microfilme não deve ser um fim em si mesmo. Segundo Gille, cuja obra mereceu citações do Prof. Bruno Babbis, Chefe do Serviço especializado do Consiglio Nazionale delle Ricerche, órgão superior do Governo Italiano, autoridade e autor de valiosos trabalhos sobre documentografia, nos quais abeberamos não poucos conhecimentos, pa-



(Figura 2)

ra consolidação de nossa própria experiência, o microfilme pode ser utilizado a serviço dos arquivos, para diversos fins, de acôrdo com a síntese seguinte:

a) — MICROFILME PARA
SUBSTITUIÇÃO

Haverá um microfilme de substituição quando se procede à microfili-

magem de unidades ou séries de documentos que devem ser incinerados quando se verificar a invasão do arquivo por uma massa de papéis documentários sempre em aumento, determinando graves problemas especiais e, portanto, a falta de local e instalações destinados a acolher êsse material.

b) — MICROFILME DE SEGURANÇA

Aplicado quando se prevê a microfilmagem de documentos singulares ou, ainda, de uma série de documentos sujeitos aos riscos de que possam sofrer danos irreparáveis a causa de incêndios, de terremotos, de inundações, de bombardeios ou de outras calamidades. Não há dúvida que uma tal precaução está tendo uma sensível e crescente aplicação por parte de diversas instituições públicas e particulares, visto que tal sistema elimina perdas e alterações dos documentos.

c) — MICROFILME DE CONTEMPLAÇÃO

É o que se objetiva, essencialmente, suplementar um dado "depósito documentário" sob a forma de microfilme, aquêles documentos não conserváveis na forma original, para completar as coleções documentárias lacunosas, já existentes. Em diversas nações, incluindo o Brasil, foram organizadas equipes de técnicos para microfilmagem, "in loco", de fundos de arquivos públicos ou privados, de notável importância.

Nesse setor, o Serviço de Documentação da Universidade de São Paulo tem realizado diversos trabalhos em Estados brasileiros e no exterior, utilizando microfilmadores especiais, portáteis. Dentre outros trabalhos desse gênero destacamos o recentemente realizado no Paraguai, onde foram microfilmados cerca de 8.000 documentos do período colonial e referentes às "Bandeiras". Exemplares únicos, relatórios resultantes de pesquisas agrícolas; coleções de revistas científicas; fichas contendo dados pluviométricos; catálogos

singulares de periódicos e livros; bibliografias; plantas e inumeráveis documentos foram e são, hoje, microfilmados para fins de contemplação e servir em setores distantes da disponibilidade original, fora do alcance de inúmeros interessados, transmitindo-se, assim, por meio da multiplicação de valores únicos, os conhecimentos, onde e quando necessários.

d) — MICROFILME PARA FINS CIENTÍFICOS

Usado quando sempre por meio de microfilme se reconstrói completamente fundos de arquivos dispersos em diversos depósitos, ou ainda, quando é possível reunir sobre um só microfilme toda uma série de documentos que interessam a um dado personagem ou um dado assunto ou questão, para fins de estudos e pesquisas. Gille examina também as diversas operações que ocorrem na reprodução e conservação documentária e as subdivide em:

Preliminares, que consistem:

a. na ordenação do material documentário, que deve ser processada segundo os princípios normais de arquivística;

b. na classificação que deve ser cuidada com a mais atenta escrupulosidade.

Técnicas, que consistem:

a. na seleção da maquinária segundo o uso a que se destina, na seleção do tipo de película mais adequada ao tipo de documento que deva ser reproduzido, tendo-se presente o formato do próprio documento.

b. na reprodução fotográfica: precauções em relação ao próprio documen-

to, à sua locação exata sob a objetiva, intitulação do microfilme no suceder dos fotografamas;

c. na conservação das películas, que podem ser guardadas em classificadores próprios, em bandas ou bobinas e que devem ficar sujeitas a particulares condições físicas e químicas de ambiente (locais com temperatura e unidade uniforme);

d. leitura por meio de aparelhos adequados que permitam o uso de películas tanto de 35 como de 16mm. com dispositivo de avanço livre.

Arquivística, a qual exige:

a. normas especiais de classificação e catalogação; (número de registro), data de reprodução fotográfica, nome da entidade que efetuou a reprodução, formato da película, tipo da película, ortou pancromática, número da cópia, local de conservação, se em bobinas ou em bandas, catalogação de arquivo, catálogo classificado sob o qual é conservado o microfilme, observações e notas, registro e inventário dos microfilmes.

O estudo de Bertrand Gille conclui-se com uma rápida análise aos mais destacados problemas gerais de organização, de financiamento e direção. O autor auspicia que uma verdadeira política do microfilme com fundamento nos referidos problemas, porá em ordem é lógico, o emprêgo do microfilme nos arquivos públicos e privados de todo o mundo.

Não há dúvida que a necessidade de se economizar os locais ocupados pelos depósitos de documentos constitui um problema grave para qualquer instituição pública ou privada; examinemos, portanto, alguns dos aspectos

mais salientes da questão referente ao microfilme, quando a serviço de arquivos.

PROBLEMA ESPAÇO

Não há dúvida de que o emprêgo de microfilmes, especialmente por parte de emprêsas de crédito e de seguros se difundiu largamente na Europa e na América do Norte, particularmente para resolver o cruciante problema espacial.



(Armário - Arquivo)

De fato, inúmeras instituições adotaram o recurso de construções especiais longe da sede; tal solução gerou o duplo inconveniente de aumentar as

despesas e criar o problema de transportes dos documentos entre a sede e o depósito-arquivo.

O microfilme, quer em bobinas quer em bandas, é largamente utilizado para *reduzir* a massa criada por tanto papel impresso, manuscrito ou datilografado.

Com o uso de microfilmes obtém-se uma economia espacial e de peso que pode oscilar entre 80 a 90%. Assim, o conteúdo de 100 armários para arquivo pode ser reproduzido e disposto em *um só* classificador para microfilmes, cujas dimensões não ultrapassam as medidas de um armário arquivo comum. Basta pensar que um rolo de microfilme de 16 mm., com imagens duplas de 8 mm., conterà ao longo de 30 metros lineares, cêrca de 10.000 cartas. A bobina de 30 metros tem um diâmetro de 12 cm. As figuras 1, 2 (.) e 3 ilustram expressivamente o argumento. Considere-se, ainda, que as modernas microfílmadoras automáticas permitem a execução de duas imagens de 8 mm., lado a lado, resultando que cêrca de 28.000 cheques ou documentos de dimensões iguais, possam ser reproduzidos em uma pequena bobina de 30 mts.

Dêsses fatores de compressão espacial e de peso resulta que, em 10 bobinas de películas de 30 mts., se poderá reproduzir boa parte dos documentos administrativos de qualquer empresa, assim subdivididos: 28.000 registros de acionistas; 14.000 cartas; 28.000 registros de expediente; 19.000 fichas; 18.000 registros de ordem de pagamento ou pedidos, totalizando 107.000 documentos.

Os institutos bancários devem conservar por longo tempo os documentos

contábeis e justificadores, os quais, pela enormidade numérica, exigem grandes espaços e um número extraordinário de pessoal adido, para a classificação e ordenação do material documentário.

Considere-se, também, que o processo de microfílmagem, quer em 35 quer em 16 mm., é extraordinariamente rápido, tendo-se em conta o fato de que 30.000 documentos podem ser microfílmados em uma jornada de trabalho. Eis porque tantos institutos de crédito, especialmente no exterior, modernamente organizados, providenciaram microfílmagem progressiva dos seus documentos contábeis.

No Brasil, é a Universidade de São Paulo pioneira em matéria de emprêgo de microfilmes a serviço da ciência, desde 1947. Por intermédio do Serviço de Documentação da Comissão de Pesquisa e Extensão Universitária, já distribuiu cêrca de 2.000.000 de fotogramas, reproduzindo artigos de assunto científico e técnico a pedido de consulentes de todo o Brasil, e mantém intercâmbio de material bibliográfico e documentário através extensa rede de instituições congêneres de todo o mundo. Um exemplo de aplicação do microfilme nos modernos arquivos "vivos" é a reprodução dos prontuários de trabalhadores adotados na Delegacia Regional do Ministério do Trabalho em São Paulo, onde observamos em uma pequena sala um arquivo de microfilmes contendo, salvo êrro, cêrca de 3.000.000 dêsses documentos, dos quais se pode extrair cópias ampliadas com rapidez e segurança documentária impressionantes.

Um dos aspectos importantes do sistema consiste na economia de tempo no que diz respeito às consultas constantes à documentação arquivada. Es-

se aspecto merece consideração especial, visto que a situação dos grandes arquivos, em locais distantes, impõe não só despesas de transportes, como, também, o tempo para localização, manipulação das pastas, de caixas ou outros sistemas de arquivamento além do deslocamento do documento desejado, sujeitando-o aos riscos de perda, rasuras, roturas, manchas e acidentes de contaminação, etc.

Nos casos de documentos, cuja natureza impõe sua guarda por longo período, podem-se evitar todos os riscos efetuando-se as consultas diretamente do microfilme arquivado na sede. A possibilidade de se manipular com extrema rapidez e facilidade uma massa de documentação, "in-loco", ao alcance imediato da administração, evidencia claramente a economia no tempo e no espaço, fato que, em última análise, representa economia de gastos inúteis, dentre os quais, o *custo tempo*, cuja me-

da e conseqüência financeiras são prejuízos de alcance imprevisível. Os modernos aparelhos para leitura de microfilmes permitem a transmissão de qualquer informação cadastral ou não, em poucos minutos, resolvendo, por baixo custo, o problema funcional dos arquivos e de outros serviços informativos.

No que diz respeito ao problema espacial, nota-se que o armário-arquivo, representado na figura 3, poderá comportar cêrca de 10.000.000 de documentos microfilmados em películas de 16 mm.

A redução de pêsso está evidenciada no índice de 98%, donde se infere questões relativas às despesas de transportes e taxas, nos casos de remessas contínuas de cópias de ordens de serviços, relatórios, ou outros inumeráveis documentos.

(Transcrito da revista n.º 307-308 do IDORT.)

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

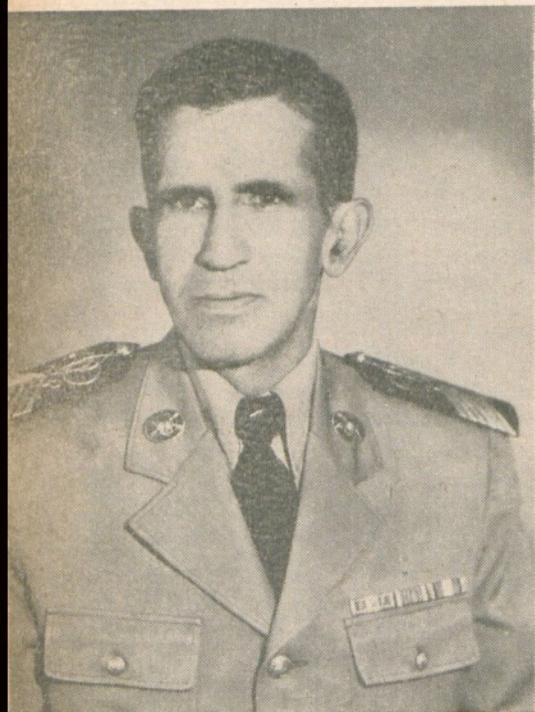
que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

NO COMANDO GERAL DA P. M. MATOGROSSENSE O

CEL. JOSÉ MARQUES PEREIRA



Por ato recente do sr. João Ponce de Arruda, governador do Estado de Mato Grosso, foi revertido ao serviço ativo e comissionado no posto de Coronel, o ten. cel. José Marques Pereira, a fim de comandar a Polícia Militar daquele Estado, cujo cargo assumiu em data de 14-X-1957.

A Fé de Ofício do coronel Marques é das mais brilhantes, plena de elogios, atos de desprendimentos, sacrifícios e bravura.

Filho de oficial superior do Exército Brasileiro, muito cedo procurou a caserna, onde, a 12-V-1910, no 2.º R.C., em Curitiba, Estado do Paraná, verificou praça.

Nasceu aos 9 de janeiro de 1897 na cidade de São José dos Pinhais, onde fez seus estudos de humanidades.

11 meses após verificar praça já trazia nos braços as insígnias de 1.º Sargento e, nessa graduação, saltou-se em 1914, na Campanha do Contestado, quando no comando de um Pelotão do 14.º R.C.I., do Destacamento Potiguará, no combate de Sta. Maria, teve sua primeira citação de bravura e indicado o seu nome para promoção.

Após servir no Exército, de 1910 a 1917, sempre na arma de Cavalaria, foi, a 2-VI-1917, a convite do Interventor Federal, comissionado no posto de 2.º Tenente da então Força Pública do Estado de Mato Grosso, e classificado no 1.º Esquadrão de Cavalaria, com sede em Cuiabá.

Participou de todos os movimentos armados, de âmbito nacional, havidos nestes últimos 50 anos.

Exerceu, durante a sua longa vida militar-policia, as mais variadas funções em seu Estado e, tôdas elas, com raro brilhantismo, graças à sua cultura, tato, bom senso e aprimorada educação civil e militar, aliado a um caráter sem jaça.

E' cognominado, no Sul do Estado, como «Antônio João de Aquidauana», face a seu feito heróico de 24-VI-1921, ao dominar um movimento armado dos ferroviários da Noroeste do Brasil, o que lhe valeu, também, a promoção por bravura, ao pôsto de 1.º Tenente.

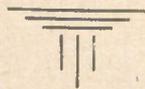
Serviu por mais de 40, anos à Polícia Militar de Mato Grosso, onde obteve as seguintes promoções:— 2.º Ten., a 2-VI-1921; 1.º Ten., por bravura, a 24-VI-1921; Capitão, por

merecimento (relevantes serviços) a 20-X-1926; Major, por merecimento, a 19-V-1932 e Ten. Cel., por merecimento, em 3-XII-1937, pôsto em que passou para a reserva, em agosto de 1955.

A escolha do sr. Governador João Ponce de Arruda foi, portanto das mais felizes e justas, pois recaiu na pessoa de emérito soldado, com larga fôlha de serviços e que desfruta no seio de seus pares de grande prestígio e estima geral.

«Militia», ao registrar prazerosamente o fato, cumpre o dever indeclinável de desejar ao seu velho e grande amigo cel. Marques Pereira, gestão das mais facundas no dignificante cargo de Comandante Geral da nossa co-irmã matogrossense.

CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

**SOLENEMENTE COMEMORADA A
PASSAGEM DO CENTENÁRIO
DA MORTE DO BRIGADEIRO**

RAFAEL TOBIAS DE AGUIAR

Comemorando a passagem do centenário da morte do Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, o Instituto Histórico e Geográfico, a Câmara Municipal de Sorocaba e a Fôrça Pública realizaram várias solenidades com que bem exaltaram a memória e reviveram os feitos dignos de um paulista ilustre.

Assim, no Instituto Histórico e Geográfico funcionou uma exposição relativa à obra e à vida daquele vulto da nossa História. Em Sorocaba, o Professor Almeida Magalhães proferiu conferência em solenidade que se efetivou na Câmara Municipal, no dia 4 de outubro. No dia 7, no salão nobre do Instituto, o professor Bueno Azevedo — que como o professor Almeida Magalhães fêz parte da comissão organizadora das comemorações — proferiu aplaudida conferência.

A Fôrça Pública, associando-se naturalmente às homenagens prestadas ao seu fundador, fêz realizar no quartel do Batalhão "Tobias de Aguiar", às 9 horas do dia 29 de setembro, com a participação dos monitores da Escola de Educação Física, interessante programa de ginástica de solo, ataque e defesa, e bailado "Joinville Le Pont". As 10 horas, no picadeiro do Regimento "9 de Julho", bonitas demonstrações hípcas foram efetivadas pelos oficiais daquela unidade. As 17 horas o Conjunto Musical apresentou variados números musicais em retreta realizada junto ao Monumento do Ipiranga. Finalmente no dia 7, data em que faleceu o homenageado, processou-se a entrega solene de uma placa de bronze, comemorativa do centenário da morte do grande brasileiro, ao sr. tenente-coronel Jaime dos Santos, atual comandante do Batalhão "Tobias de Aguiar".

MILITIA, associando-se aos festejos transcreve, por muito eloqüente, trecho do Boletim Especial baixado pelo então comandante do 1.º Batalhão de Caçadores, coronel José Canavó Filho, no dia 1.º de dezembro de 1951, por ocasião do 60.º aniversário de sua fundação, assim como da assinatura do decreto que lhe deu a denominação de "Batalhão "Tobias de Aguiar".

"Poucos são, sem dúvida, os homens que como êle, pelas vicissitudes da própria existência, adquirem aos nossos olhos algo de real, de legendário mesmo: dir-se-ia que a eternidade da alma tivesse de absorver o que foi o seu breve estágio pela terra.

No dia 4 de outubro de 1794 nasceu em Sorocaba aquêle que se tornaria um dos maiores homens da província de São Paulo, tendo por pais Antônio Francisco de Aguiar e Dona Gertrudes Eufrozina de Aguiar, abastados fazendeiros naquelas regiões.



Quando, pelo século XVIII, os surtos de militarismos enchiam de entusiasmo aquela férrea geração que trazia bem gravados os feitos de Raposo Tavares e de tantos outros desbravadores, alistou-se Tobias de Aguiar no Regimento de Milícias de Sorocaba como soldado particular (cadete) aos 4 anos de idade, consignando a sua fé de ofício as seguintes promoções: Alferes a 3 de junho de 1799; Tenente a 5 de junho de 1802, e Capitão a 27 de novembro de 1809. Por decreto de 17 de dezembro de 1813, foi graduado Sargento Mor, apresentando patente em 29 de julho de 1814; foi ainda promovido a Tenente-Coronel agregado, por decreto de 21 de julho de 1823, apresentando patente a 30 de agosto do mesmo ano, pôsto que foi confirmado por decreto de 26 de novembro de 1826.

Promovido a Coronel pelo decreto de 28 de março de 1829, passou a comandar o Batalhão de Caçadores n.º 36, de 2.ª linha do Exército. Pela Carta Patente de 28 de agosto de 1846, foi finalmente reformado no pôsto de Brigadeiro, sem vencimentos.

Nas propostas apresentadas para as diversas promoções, são dignos de nota os conceitos emitidos por seus superiores que o apresentavam como criterioso, probo, digno e inteligente, sempre se distinguindo, nas ocasiões precisas, a serviço de Sua Majestade. Nunca recebeu vencimentos, e, ao ser indicado para comandar o 36.º Batalhão de Caçadores, constou da proposta respectiva, entre outras referências, a seguinte: “. . . . abundante de meios para se tratar com decência, e mesmo para manter à sua custa o dito Batalhão, com todo o lustre, por ser cidadão de reconhecido patriotismo se fêz digno da Munificência de Vossa Magestade Imperial”

Em 9 de janeiro de 1822, quando as tropas portuguesas se rebelaram sob o comando de Jorge Avilez, ocupando o Morro do Castelo no Rio de Janeiro, organizou o nosso patrono uma Companhia composta de 100 homens, devidamente equipados e armados, a suas expensas, com a qual seguiu para a Côrte a fim de combater os elementos que procuravam embargar a marcha vitoriosa da Independência do Brasil. Esse padrão de civismo e de amor à sua terra não foi apenas o soldado illustre, mas, projetando-se além dos humbrais da caserna, ostentou também o hábito e a Comenda de Nosso Senhor Jesus Cristo e a dignatária da Ordem de Rosa, a sagrar-lhe a religião e o patriotismo, por mercê de Sua Majestade o Imperador.

Na sublimidade de tais lances, no grandioso significado dêsses traços que refletem a luminosidade de sua existência, “unida a Cruz à espada do soldado que, simbolizada na lança do legionário, nasceu no Carvalho com o sangue de Cristo que lhe converteu a alma brutal e saíram pelo mundo através dos séculos, na sua odisséia de luz, de justiça, de amor e civilização”, segundo as palavras do illustre Arcebispo de Cuiabá, Dom Aquino Correia.

Foi na cidade de Sorocaba, durante sua infância, que Tobias aprendeu as primeiras letras. Mais tarde, em São Paulo, estudou latim, retórica e filosofia, tendo sido contemporâneo do padre Diogo Antônio Feijó, Paula Souza e Antônio Joaquim de Melo.

Martim Francisco Ribeiro de Andrade foi o seu professor de francês e filosofia. Consigna a história ter sido êste o maior mestre de Tobias, e que haveria de forjar-lhe o caráter, tornan-

do-o apto a enfrentar as lutas liberais da época em defesa da Constituição e da Lei.

Idealista ardoroso, êste Andrade, ao justificar o movimento em prol da Maioridade, dirigiu-se à Câmara nestes termos:

“Quero que o Monarca suba ao trono, não por amor ao poder, porque nunca o procurei, nem o procuro; não por amor a honras, pequenos nada, fúteis frivolidades da vaidade humana, porque tenho títulos meus nas ações minhas; não por amor a riquezas, paixão baixa e vil a que nunca queimei insenso; mas por amor à Pátria nobre que arde em meu coração puro como o fogo da vesta”.

O caráter de Feijó, êsse férreo italiano seu contemporâneo, também haveria de afetar-lhe os sentimentos. Em pleno revés durante a revolução de 1842, Feijó ainda encabeçava a sua correspondência em estilo da época: “Diogo Antônio Feijó, do Conselho de Sua Majestade, Grão Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, Senador do Império e, por mercê de Deus, PAULISTA”.

Foi entre essas colunas dóricas de sabedoria e firmeza, representadas pelos irmãos Andrada, Feijó, Paula Souza, Vergueiro e outros, que Tobias transpôs a adolescência, com o seu coração de jovem a transbordar de patriotismo e a pulsar de incontido amor à Legalidade.

Em 1812, depois do falecimento de seu pai, teve que assumir a direção dos bens da família, em cuja administração provou a sua capacidade de chefe, desenvolvendo com notável desembaraço aquela grande fortuna.

Ainda naquele ano, a 7 de agosto juntamente com Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Diogo Antônio Feijó, Francisco de Paula Souza e Melo, Antônio Pais de Barros e outros, votou na Capital da Província, como eleitor da Comarca de Itu, na escolha dos Deputados representantes da Província às Côrtes de Lisboa, “para que com os mais Deputados das Côrtes, como representantes da Nação Portuguesa possam proceder à organização da Constituição Política desta Monarquia, mantida a Religião Católica Apostólica Romana e a Dinastia da Sereníssima Casa de Bragança”.

Assim entrou Rafael Tobias de Aguiar na vida política do Império, conquistando pela sua lealdade, coerência e incorruptibilidade, a estima do povo e o respeito de seus pares.

Nas três legislaturas que transcorreram entre os anos de 1826 a 1837, criadas pela lei de 20 de outubro de 1823, foi eleito Conselheiro do Governo. Nas 2.a e 3.a Assembléias Legislativas figurou entre os mais votados para a Comissão Temporária. Na Assembléia Provincial teve assento nas 6.a, 7.a e 10.a legislaturas, tendo sido o presidente em duas delas. Com brilhante votação foi colocado em primeiro lugar na lista tríplice para preenchimento da vaga de Senador deixada pelo Visconde de São Leopoldo.

Exerceu o Governo da Província de São Paulo, nos períodos de 17 de novembro de 1831 a 11 de maio de 1836, e de 1840 a 15 de julho de 1841. Em 17 de maio de 1842 foi aclamado Presidente Interino da Província de São Paulo, na cidade de Sorocaba.

No primeiro período da sua administração, que se estendeu do ano de

1831 a 1835, revelou as suas qualidades de dirigente capaz, honesto e de caráter incorrupto, virtudes que caracterizavam a sua personalidade colocando-o, sempre, em destaque desde a sua estréia na vida pública.

Governou demonstrando o desvêlo que lhe mereciam a emigração, a instrução primária, os socorros públicos, os seminários da Glória e Santana, da cidade de Itu, e da Capela de Nossa Senhora da Aparecida, em Guaratinguetá, a Indústria e a Agricultura, a Fábrica de Ferro Ipanema, a conservação das estradas de Santos e o interesse pelas pontes do Cubatão e de São Vicente, assim como pelas estradas de Curitiba, Antonina, Areias e Bananal.

O difícil período que sucedeu a abdicação de D. Pedro I impunha a necessidade de se garantir a Segurança Pública. As arruaças, os crimes, o sobressalto em que vivia a população ante os oportunistas que, aliados a capangas e desordeiros, contaminaram a Guarda Militar da Polícia da Côrte, induzindo-a a insubordinar-se contra as autoridades constituídas, encontraram pela frente a embargar-lhes os passos, aquêlo paulista tenaz, o Padre Diogo Antônio Feijó, então Ministro da Justiça, que extinguiu a tropa, dissolvendo a Corporação.

Passa então o Ministério da Justiça a contar com a reduzida tropa de choque e alguns soldados de Cavalaria. Êsses lamentáveis fatos inspiram, então, a criação do Corpo Municipal Permanente, que depois se estende a todas as Províncias a partir de 10 de outubro de 1831.

Foi justamente quando os corpos de tropa da Província de São Paulo já não podiam atender às necessidades mais

prementes da segurança pública, que Rafael Tobias de Aguiar encaminhou ao Conselho do Govêrno a proposta para a criação de um Corpo de Municipais Permanentes, cujo efetivo deveria ser de 100 infantes e 30 cavaleiros. O Conselho aprovou a proposta do Govêrno no dia 15 de dezembro de 1831, marco inicial da Corporação que, através do tempo viria enriquecer de glória as páginas brilhantes da história paulista.

No segundo Govêrno da Província, de 1840 a 1841, Tobias voltou as vistas para a Fôrça Pública, demonstrando a necessidade de aumentar o seu efetivo para atender às diligências e aos vários destacamentos, além de acentuar a necessidade de capelão, médico, farmacêutico e mestre ferreiro; lembrava, outrossim, que o Destacamento Permanente estacionado em Palmas devia ficar completamente subordinado aos regulamentos militares.

No ano de 1841, com a queda dos liberais e formação do novo Gabinete, foi demitido do Govêrno da Província e substituído por Miguel Souza Melo Alvim.

Registra a história de São Paulo a aclamação de três grandes paulistas: Amador Bueno da Ribeira, que em 1641 não quis ser Rei; o coronel Rafael Tobias de Aguiar, que em 1842 foi aclamado Governador Interino da Província e Pedro de Toledo, na epopéia da Revolução Constitucionalista de 1932.

A Fôrça Pública pode orgulhar-se de ter como seu fundador um dos aclamados, filho de Sorocaba e grande patriota que, tangido por um profundo amor à Constituição e à Legalidade, se lançou à luta em defesa dos seus ideais. . ."



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".



O representante do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública quando, no memorável Congresso, defendia as teses que apresentou.

— VI CONGRESSO —

PAULISTA DOS MUNICÍPIOS

Em ambiente de grande entusiasmo reuniram-se na cidade de Franca, de 9 a 13 de outubro, varias centenas de prefeitos, presidentes de câmaras, vereadores, estudiosos do municipalismo e representantes de entidades interessadas no desenvolvimento do progresso e do bem-estar das comunidades do interior.

A mesa dirigente dos trabalhos, eleita por aclamação, foi assim constituída:

Presidente de honra, Aniz Badra, presidente da Associação Paulista de Municípios; presidente, Onofre Gosuen, prefeito de Franca; 1.º vice-presidente, Arias de Almeida, presidente da Câmara Municipal de Franca; 2.º, Emericiano Prestes de Barros, vereador de Sorocaba; 3.º, José Zacarias de Lima, prefeito de Monte Alto; 4.º, José Maria Morgado de Miranda, presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Prê-

to; 1.º secretário, Carlos Machado, vereador de Catanduva; 2.º, Irineu Penteadado Filho, presidente da Câmara Municipal de Rio Claro; 3.º, Progresso Garcia, vice-prefeito de Botucatu, e 4.º, José Porfirio, vereador de Garça. Ainda na sessão preparatória foram eleitos os membros da comissão especial para estudar o ante-projeto da reforma da Lei Orgânica dos Municípios, constituída pelos municipalistas: Silvio Fortunato, vereador de Santos; Eli Lopes Meireles, juiz de direito de São Carlos; Antônio Baldijão Freitas, vereador de Franca; Moisés Tobias, prefeito de Lins; Antônio Galante, prefeito de Cedral; Geraldo Furtado de Medeiros, vereador de Marília; Fausto Arruda Camargo, vereador de Campos do Jordão e Olavo Borges de Assis, de Guará. O Clube dos Oficiais da Fôrça Pública foi distinguido com a nomeação do seu representante, cap.

Pau'o Monte Serrat Filho, para a Comissão de Redação Final, em companhia do jornalista Antônio Machado Santana e do vereador de Assis, Orlando Silveira Martins. Para as funções de relator-geral, foi designado o vereador de São José do Rio Prêto, Fábio Homem de Melo.

A sessão solene de instalação, realizada nos amplos e modernos salões da Associação dos Empregados do Comércio, estiveram presentes altas autoridades civis, militares, eclesiásticas e judiciárias.

Representando o Govêrno de São Paulo, compareceu o ministro Vicente de Paula Lima, secretário da Educação.

A sessão de encerramento do VI Congresso Paulista de Municípios esteve presente o vice-governador do Estado, general Porfirio da Paz, e os senhores secretários: Paulo Lima, da educação; Castro Neves, do govêrno; Faria Lima, da viação e Carvalho Pinto, da Fazenda. o Prefeito de Belo Horizonte, Sr. Celso Azevedo.

As teses aprovadas foram encaminhadas às autoridades estaduais e federais, para a devida consideração.

Homenagem à Fôrça Pública

No dia 11, quando em debate a tese do Clube dos Officiais, "O Escotismo e a Formação da Juventude nos Municípios", vários oradores prestaram homenagens à Fôrça Pública de São Paulo. Agradecendo as referências elogiosas à nossa Corporação, falou o major Ari Gomes, representante da Diretoria do Clube dos Officiais no VI congresso municipalista.

Iniciativa Louvável

Durante as sessões do congresso foram distribuídos aos presentes, por iniciativa da profa. Lúcia Gissi Ceraso e alunas do Ginásio, Escola Normal e Conservatório Maria José, a seguinte mensagem patriótica:

CAMPANHA DE CIVISMO

BRASILEIRO!!!

1.º — Ao ouvires o Hino Nacional, levanta-te e canta-o com entusiasmo.

2.º — Num desfile, quando passar a Bandeira, respeita-a, levantando-te e aplaudindo-a calorosamente. Ela é o retrato do teu Brasil.

3.º — Mostra que és bom filho, aprendendo a cantar os Hinos Officiais de tua Pátria.

4.º — A Marcha Batida é uma oração à Bandeira. Ouve-a de pé e tira o chpéu.

5.º — Esquece o teu egoísmo e lembra-te de que és brasileiro.

Vão aqui as homenagens de MILITIA à mulher francana, por essa manifestação de cunho altamente cívico.

Publicamos a seguir os trabalhos apresentados pelo Clube dos Officiais da Fôrça Pública, os quais, depois de aprovados foram encaminhados ao Govêrno do Estado.

O ESCOTISMO E A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE NOS MUNICÍPIOS

Não nos alongaremos com o objetivo de comprovar que ao Município e aos seus responsáveis cabe a mais importante parcela da primordial missão de educar e orientar a infância para a mocidade idealista e sadia, que conduza à maturidade profícua empreendedora dos cidadãos embuidos do espírito de servir. O problema é também da alçada da União e do Estado, mas todos nós, municipalistas, sentimos que só será eficientemente resolvido, dentro do próprio Município, com o empenho e a assistência interessada e constante das suas autoridades.

Não pesam dúvidas sobre ser o escotismo aquela escola ideal que dá ao menino, dentro de um princípio de educação cívica nitidamente firmado, a compreensão natural de fraternidade, incutindo-lhe, concomitantemente, o interesse pela coletividade, o sentimento da dignidade humana, a sua missão dentro do grupo social e a auto-disciplina, a disciplina consciente que norteia os atos dos homens de bem.

A Lei do Escoteiro compõe-se de dez artigos que exortam o infante à atividade benéfica no lar, e na sociedade, sob a égide dos seus deveres para com a Pátria.

EI-LA:

- 1 — O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.
- 2 — O Escoteiro é leal.
- 3 — O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica, diariamente, uma boa ação.

4 — O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.

5 — O Escoteiro é cortês.

6 — O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.

7 — O Escoteiro é obediente e disciplinado.

8 — O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.

9 — O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.

10 — O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

A simples leitura deste Código de Honra, diz bem alto do seu inestimável valor educativo, dispensando maiores apreciações.

É bom lembrar que o escotismo não é militarismo para a infância. Dêle, apenas se utiliza dos hábitos de ordem e sobriedade, característicos do soldado e, embora não tenha por fim a formação militar, colabora com as Forças Armadas, pois oferece-lhes "jovens já afeitos à vida de campanha, superiores às intempéries, cheios de coragem, patriotismo e iniciativa, e conhecimentos realmente práticos e úteis da vida em campanha" (1).

Cumpre ressaltar que o só cumprimento de um único artigo de sua Lei, — O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e praticar, diariamente, uma boa ação, — "é de um poder permanente, imenso quanto à finalidade cívico-moral sobre sua atividade, no meio em que vive, porque se disciplina a si mesmo, porque detém seus impulsos selvagens, porque conduz a obser-

var as fraquezas que o cercam e que necessitam amparo, porque lhe corrige o egoísmo e porque o torna útil e bom”.

A DIVULGAÇÃO DO ESCOTISMO

No Brasil, a entidade máxima dirigente do Escotismo é a União dos Escoteiros do Brasil, que, em cada Estado, possui um órgão regional. Evidentemente, do Rio de Janeiro ou de São

Paulo, pouco ou quase nada se pode fazer na divulgação dos benefícios que o movimento poderá levar aos meninos e adolescentes de mais de quatro centenas de municípios paulistas.

Já tivemos em nosso Estado, por volta de 1928, a fase áurea do escotismo paulista. Nela, foi relevante a colaboração prestada pela Fôrça Pública de São Paulo, através da atuação dos seus

O secretário da Educação, ministro Paula Lima e o Presidente da Associação Paulista de Municípios, Dr. Aniz Badra, ladeados por representantes da imprensa paulista e por congressistas.



“VI CONGRESSO DOS MUNICIPIO

PATROCINADO PELA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DOS MUNICIPIOS

FRANCA 9 a 13 de Outubro de 195

REPORTERES, ADHEMAR-RAPHAEL - EDUARDO

O presidente da A. P. M., Aniz Badra, saudando a mocidade estudantil e o povo de Franca.



oficiais e graduados. Dos primeiros um deles erigiu-se mesmo no paradigma do chefe escoteiro, o Coronel Pedro Dias de Campos, portador do "Tapir de Prata", a mais custosa laurea escoteira, de âmbito internacional. Faz-se mister ressaltar, também, na mesma época, a atividade proficiente, no escotismo, desses verdadeiros sacerdotes da nacionalidade, que são os membros do magistério público. Professores e milicianos, apoiados por prefeitos, câmaras e particulares de acendrado espírito patriótico, deram ao movimento escoteiro aquele esplendor que conhecemos quando ainda nos bancos da escola primária.

Porque não reunir, entre outros entusiastas, sob a égide do Poder municipal e a orientação da Região de São Paulo, da União dos Escoteiros do Brasil, esses dedicados funcionários estaduais, encontrados em todas as comunas, para um vigoroso ressurgir do escotismo em nosso interior?

Aos educadores, oficiais e graduados, interessados no escotismo, seriam ministrados cursos rápidos de chefe-escoteiro, que os habilitasse a dirigir, seguramente, os núcleos escoteiros de cada município.

Como diretores dos núcleos escoteiros municipais, teríamos, além dos seus chefes, o Prefeito ou um seu re-

presentante e um membro da Câmara de Vereadores.

As sedes dos núcleos escoteiros municipais, funcionarão nos grupos escolares ou em próprios do município.

Conclui-se do exposto que, do recrudescimento do escotismo na interlândia, advirão, indubitavelmente, benefícios transcendentais para a infância e a adolescência, com repercussão salutar no seio das famílias, na coletividade e nos destinos da Pátria.

O clarividente e empreendedor Governador do Estado, temos certeza, não faltará com a sua valiosa e imprescindível cooperação, para, bem cedo, vermos nas praças principais das nossas cidades, as primeiras tropas escoteiras, festivamente, proferindo o seu juramento:

"Prometo, pela minha honra,
Cumprir meu dever para com
Deus e a minha Pátria,
Ajudar o próximo em toda
e qualquer ocasião,
Obedecer a Lei do Escoteiro".

BIBLIOGRAFIA

Educação Extra-Escolar e Educação Pré-Militar — Oldegar Vieira. O Ideal de Pátria no Escotismo — Capitão Hugo Bethlem. Filosofia do Escotismo — Monsenhor Bruno de Solages.

cap. Paulo Monte Serrat Filho

INFÂNCIA ABANDONADA

É, a questão da infância abandonada, problema crucial a preocupar as autoridades dos grandes como dos pequenos centros populacionais.

Têm os oficiais da Força Pública, tanto na Capital, junto ao Serviço So-

cial dos Menores e ao Juizado de Menores, como no interior do Estado, prestado reais e valiosos trabalhos que o Diretor do mencionado Serviço e o Titular da Vara de Menores têm exaltado em várias oportunidades.

Assim, no Recolhimento de Menores da Capital, no de Mogi-Mirim e no Lar Escola "Stélio Machado Loureiro", de Irapuru, oficiais da Corporação Bandeirante colaboram com o Estado e com os Municípios, na resolução do magno problema, sob aplausos gerais, pela objetividade com que o enfrentam.

Possui a Fôrça Pública batalhões estrategicamente localizados no território estadual, em cidades centros de importantes zonas. Santos, Campinas, Taubaté, Bauru, Ribeirão Prêto, Sorocaba, são sedes de batalhões e Mogi das Cruzes, Presidente Prudente, São José do Rio Prêto, Araraquara, Marília, Piracicaba, Botucatu e outras, possuem companhias independentes ou des-tacadas.

Seriam nessas cidades, através de convênios firmados entre o Estado e os

Municípios interessados da região, criados Lares Escolas para a infância abandonada de cada zona. Aos oficiais da Fôrça Pública, que tão bem têm provado no trato com os menores abandonados, seria, nas cidades sedes de Unidades e Subunidades da Corporação, atribuída a direção d'esses educandários especializados.

PROPONHO, pois, ao VI Congresso Paulista de Municípios a conveniência do estudo das bases de convênios entre o Estado e grupos de Municípios, para a procura da resolução do problema dos menores abandonados com o concurso de oficiais e graduados da Fôrça Pública de São Paulo.

PAULO MONTE SERRAT FILHO

Representante do Clube dos Oficiais da Fôrça Pública

APRECIÇÃO DO RELATOR DALMO DE ABREU D'ALLARI SÔBRE A PRIMEIRA TESE

Comparece a gloriosa Fôrça Pública do Estado de São Paulo ao VI Congresso Estadual de Municípios, com um trabalho sôbre o escotismo e a formação da juventude.

Assina-o um dos nomes já consagrados do municipalismo paulista, mercê das valiosas contribuições que já deu ao movimento, qual seja, o do Capitão Paulo Monte Serrat Filho.

Na primeira parte de seu trabalho o autor teceu considerações sôbre o escotismo, sua natureza e suas características, pondo em evidência o alcance do Código de Honra dos escoteiros.

Finalizando o trabalho, cuidou o autor da divulgação do escotismo, tecendo considerações sôbre a evolução que já

experimentou em nosso Estado e concluindo pela exortação ao reerguimento dessas corporações, indicando, inclusive, quais os elementos sob cuja direção deveriam funcionar.

PARECER

E fora de dúvida o grande alcance cívico da tese do ilustre representante da Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

E da própria essência do ideal municipalista o cuidado na formação cívica das gerações novas. Municipalismo pressupõe civismo, preocupação pela causa pública e devotamento a ela, pois só dessa forma chegarão à constituição de elites governantes, que sobreponham a

tudo o interesse público e que estejam preparados para compreender as bases dos ideais municipalistas.

Outro aspecto importante, que dá perfeita conexão entre a tese ora relatada e o movimento municipalista, é que, na medida em que o municipalismo fôr ganhando terreno, irão crescendo as responsabilidades dos administradores municipais, os quais precisarão justificar a autonomia municipal pelo perfeito desempenho dos encargos que, necessariamente, dela deverão decorrer. Assim é que precisamos cuidar da formação, nos próprios Municípios, de seus futuros governantes e, na realidade, como bem o demonstrou o autor da tese, o escotismo propicia essa formação.

Uma observação importante do autor, que nos parece digna de destaque, é sua afirmação de que "escotismo não é militarismo para a infância". Na verdade, há um certo temor de que tais corporações conduzam fatalmente ao militarismo, com o perigo de se descambar, como a História nos dá inúmeros exemplos, para a composição de juventudes fanatizadas, facilmente manejáveis por totalitaristas sem escrúpulos, disfarçados em patriotas ferrenhos.

Mas o autor afirma e demonstra que, pelo escotismo, difundem-se "hábitos de ordem e de solidariedade" que tornam os jovens em cidadãos bons e úteis à coletividade.

No breve relato histórico do que foi o escotismo em nossa terra, observa o autor:

"Professôres e milicianos, apoiados por prefeitos, Câmaras e particulares de acendrado espírito patriótico, deram ao

movimento escoteiro aquêl esplendor que conhecemos quando ainda nos bancos da escola primária".

Mais não seria necessário dizer, para atender às exigências dos civilistas mais exaltados. De fato, foi bem grande a contribuição dos elementos civis para a difusão do escotismo em nossa terra.

Na parte final de seu trabalho, o autor faz um esboço do esquema de organização escoteira, indicando para a chefia dos grupos de escoteiros os educadores, oficiais e graduados, aos quais seriam ministrados cursos rápidos de chefe-escoteiro. Mais adiante, indica o autor, para diretores dos núcleos escoteiros municipais, o Prefeito ou um seu representante e um membro da Câmara Municipal.

Finalmente, conclui que do recrudescimento do escotismo na hinterlândia, advirão benefícios sem conta para a Família e para a Pátria.

A presente tese, inegavelmente, é de grande interesse para o movimento municipalista, pois indica um meio hábil de se cuidar, dentro dos próprios municípios, da formação dos futuros governantes, que, pelo seu civismo e pelo amor às coisas de sua terra, possam dar cumprimento aos elevados ideais patrióticos que animam o movimento municipalista.

Somos, portanto, pela aprovação, sem restrições, dessa tese, que representa uma contribuição valiosa à causa municipalista.

S.M.J.

É o nosso parecer.

DALMO DE ABREU D'ALLARI

== PROPOSIÇÃO ==

Comemoram presentemente a Fôrça Pública Paulista, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Casa de Sorocaba, o 1.º Centenário da Morte do Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. O ilustre sorocabano, entre

outras realizações, quando na presidência da Província de São Paulo, criou, a 15 de dezembro de 1831, a Corporação Policial Bandeirante que hoje atende ao policiamento da Capital e dos mais longínquos rincões do Estado.

A centenária Milícia de Piratininga, além de ter tomado parte saliente em tôdas as campanhas bélicas que empolgaram a nacionalidade, a partir da Guerra do Praguai, foi fator decisivo no desbravamento das zonas despovoadas do Estado, acompanhando os fundadores de cidades, impondo nos núcleos sociais nascentes a segurança da ordem e da tranquilidade pública.

Proponho, pois, que o VI Congresso Paulista de Municípios se congratule com as Entidades que promovem as justas homenagens ao notável sorocabano e grande paulista, e que, neste sentido se oticie aos Excelentíssi-

mos Senhores Coronel Comandante Geral da Fôrça Pública, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Presidente da Casa de Sorocaba e Ten. Cel. Comandante do Batalhão "Tobias de Aguiar".

Franca, 10 de outubro de 1957

(Aniz Badra)

Presidente da A.P.M.

(Silvio Fortunato)

Presidente do Conselho Deliberativo da A.P.M.

(Ney Continho)

Diretor Executivo da A.P.M.



MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA !

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

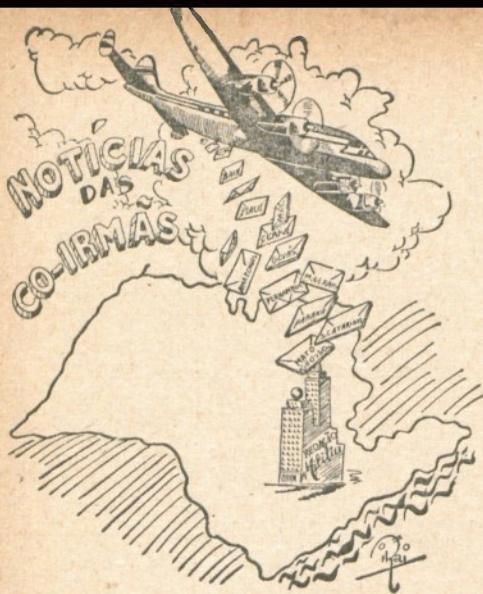
- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêle.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —



Direção do major Francisco V. Fonseca

DISTRITO FEDERAL

OFICIAIS DA FAB, PM E CB TÊM DIREITO AO TÉRÇO DE CAMPANHA

Obtiveram ganho de causa no Tribunal de Recursos

Tinham os Tenente-Coronéis Eraldo O. Montenegro, José Macedo de Almeida, Capitães Silvio Ortman, Alvaro Tenório, Osvaldo J. Peixoto, Carlos Frazão Lindoso, João Tomé da Silva e outros oficiais, e ainda os Tenente-Coronéis Antônio Pinto, Alfredo Machado Torres, Nelson Atanasio e mais 60 Oficiais, êstes últimos da Polícia Militar e Corpo de Bombeiros, para o fim de receberem os adicionais do artigo 53 do Código de Vencimentos, na base de 25% sobre os vencimentos, uma vez que tinham passado para a reserva com mais de 25 anos de efetivo serviço, importando pouco tivesse sido completado o período básico de passagem para a

reserva com a licença prêmio não gozada, horas de vôo, ou tempo de funcionário público civil, sendo-lhes a impetração sufragada pelo Tribunal Egrégio.

LEI DA COMPULSÓRIA

Enviou, o Ministério da Justiça, à Câmara Federal, projeto de lei estabelecendo novo limite de idade para a compulsória de oficiais e praças da PM e do C.B.

O citado projeto determina a transferência para a reserva, compulsoriamente, nas seguintes idades: coronel: 60 anos; tenente-coronel, 56 anos; major, 52 anos; capitão, 48 anos; 1.º tenente, 40 anos, e praças 54 anos.

Deverão ser criadas, também, três vagas de coronéis. Podemos informar, ainda, que um deputado pretende emendar a proposição estabelecendo, como existe nas Forças Armadas, o limite de permanência no pôsto, conhecido como "expulsória". Êsse limite deverá ser de 4 anos nos postos de coronel, tenente-coronel e major. Com isso o acesso dos subalternos e capitães, aos postos de oficiais-superiores, tornar-se-á possível. Ê o rejuvenecimento dos quadros, que precisa ser levado a efeito a fim de manter o estímulo da oficialidade jovem na carreira.

ETAPA NÃO É RENDA

Respondendo à consulta do diretor da Contadoria da PMDF, sobre o cômputo de etapas de milicianos, para efeito do imposto de renda, o diretor do Imposto de Renda decidiu que as importâncias pagas aos militares como "etapas", com o caráter de indenização de despesas, não estão sujeitas ao desconto do imposto na fonte pagadora.

CRIADO MAIS QUADROS NA PM

Desde o dia 15 de outubro, passou a PM a contar com mais os quadros de subtenente e de motoristas, em virtude de lei do Congresso Nacional, sancionada naquêlê dia, pelo presidente da República.

O ato de sanção teve lugar pela manhã, no palácio do Catete, e contou com a presença do gen. Oromar Osório, comandante da corporação; do ten. cel. Marcílio Malaquias, chefe de seu gabinete; do ten. cel. Leme Correia, chefe do E.M.; do ten. cel. Milton Dias Moreira, diretor do Presídio do Distrito Federal; do vereador Cipriano Lima, presidente da Associação dos Sargentos da PM, além de outros oficiais e sargentos da Polícia Militar.

MATO GROSSO

NO COMANDO DA PM O CEL. MARQUES PEREIRA

Assumi o Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, no dia 14 de outubro, o cel. José Marques Pereira, que, a convite de s. excia. o governador Ponce de Arruda, aceitou sua reversão à ativa, no propósito de ainda prestar seus bons serviços à causa pública.

Ao ato de posse, no gabinete do governador, seguiu-se a passagem do comando na sede da Corporação.

A passagem do comando, s. excia. o sr. governador se fêz representar pelo seu assistente militar, major J. Franchi.

Logo depois das cerimônias regulamentares, no Gabinete do Comando foi servido aos presentes ligeiro refrêsc

Ao ensejo, usou da palavra o representante do governador major Franchi, que se congratulou com a Polícia Militar e felicitou o novo empossado.

Também fizeram uso da palavra: o dr. Auditor Militar, Domingos Sávio Brandão de Lima e o cap. ref. Cid Espírito Santo, em nome da Associação dos reformados.

Agradeceu o cel. Marques Pereira, em oração que transcrevemos:

"Ao assumir o Comando Geral da Polícia Militar, para o qual honrou-me s. excia. o sr. dr. governador do Estado, indo buscar-me na admirável São Paulo, onde fixei definitivamente residência após minha reforma, não posso deixar de sentir grande alegria e confessar minha profunda emoção.

Embora o meu coração de soldado, sempre afeito às vicissitudes da vida militar, sinto contudo o seu pulsar desordenado neste momento. É que em nossa vida, por vêzes, se nos deparam realizações que só existiam em nossa mente.

Assim, por exemplo, o convite que me foi feito por sua excia. o sr. governador Ponce de Arruda, através do seu Assistente Militar, major João Franchi, para comandar esta Fôrça, ensejou-me oportunidade de realizar o que mais sagrado conservava em meu pensamento, qual seja o de ser útil a êste querido Estado de Mato Grosso, onde tomei o meu espírito, constitui família e vivi quase 40 anos de atividades, integrado em sua Polícia Militar.

Ser, pois, o comandante geral desta Fôrça, é para mim motivo de verdadeira exaltação e grande júbilo.

Assim, volta o velho militar à sua caserna com o mesmo entusiasmo, fé e

dedicação ao Estado, disposto a cumprir e fazer cumprir ordens emanadas da Superior Autoridade, bem servindo ao pôsto que lhe foi entregue pelo honrado governador dêste Estado, o exmo. sr. dr. João Ponce de Arruda.

Não pouparei esforços, nem mesmo com sacrifício de minha saúde, no desejo sincero de prestar a esta gloriosa Fôrça o testemunho da minha veneração e amor, procurando colocá-la no lugar que merece pela tradição que sempre soube manter, de disciplina, obediência e civismo, ponto alto das corporações armadas.

Mato Grosso, Estado grandioso, possuidor de tradições históricas surpreendentes, em pleno surto de gigantesco progresso, graças aos esforços de seus devotados filhos e de todos aqueles que, aqui vivendo, participam dos mesmos sentimentos de extremado amor a esta terra acolhedora, fértil e próspera, pode confiar em sua Polícia Militar que saberá corresponder fielmente ao seu dever.

Meus camaradas, espero e conto com a vossa dedicação e solidariedade ao meu comando para conseguir que a polícia militar de Mato Grosso atinja ao nível culminante de seu destino.

Corporação disciplinada e briosa, registrando um passado brilhante, impõe-se a cada um dos seus componentes zelar, com máximo desvêlo, para conservação de seus fatos históricos, como dignos continuadores de seus antepassados.

São estas as minhas esperanças que, espero em Deus, se traduzam em pura realidade”.

MINAS GERAIS

MAIS “COSME E DAMIÃO” EM ATIVIDADE

Resultante de um entrosamento necessário entre o Comando Geral da Polícia Militar e a Secretaria de Segurança Pública, o Superintendente do Policiamento Militar Ostensivo foi criado com objetivos de grande alcance para os interesses da sociedade.

Seu âmbito de ação não se circunscribe a Belo Horizonte, mas, abranje uma área municipal de todo o território mineiro, ou sejam os 485 municípios.

Assim, em Belo Horizonte, os militares pertencentes à dupla “Cosme e Damião” estão subordinados à Superintendência, bem como a guarda e escolta de presos nos Distritos e Delegacias e as “batidas” de maior vulto em colaboração com a polícia civil. Sessenta delegados militares da ativa e vinte da reserva acham-se ligados ao S.P.M.O., bem como os destacamentos distribuídos pelos municípios, originários das circunscrições militares da Polícia, sediadas nas Comarcas, onde estão situadas as unidades.

Com menos de seis meses de existência, a Superintendência, que é chefiada pelo cel. Watson Mesquita, com auxílio do capitão José Guilherme Ferreira e tenente Fulgêncio dos Santos Netto, realizou cêrca de quarenta inquéritos, em consequência de queixas levadas contra militares, sôbre arbitrariedades, acusações de corrupção passiva e outros fatos. Na maioria dessas queixas, ficou apurada a improcedência.

Entretanto, os casos apurados como procedentes, resultaram em punições

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sobre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinônimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmias Desenhados e Palavras Cruzadas.



*Adquira o seu exemplar, à venda em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.*

severas, como expulsão, prisão ou advertência.

FUNÇÃO

A S.P.M.O. tem como função básica organizar, coordenar e dirigir tôda e qualquer atividade do policiamento militar ostensivo, em colaboração com a Secretaria de Segurança Pública, ou isoladamente. Uma das funções mais elevadas da Superintendência é a fiscalização da Portaria que regula a permanência dos comandantes de destacamentos em cidades do interior. Essa permanência não pode exceder de dois anos para os comandantes e está sendo estudada a situação dos praças, para três anos. O objetivo da medida consiste em fazer voltar para as unidades, em regime de quartel, os elementos destacados, os quais, em contacto com a vida civil, correm o risco de perder o necessário enquadramento disciplinar, quanto às instruções de combate e ordem unida, educação moral e cívica e outras matérias que lhes são ministradas.

Essa portaria tem alcançado resultados benéficos. Decorreu ela de um entendimento firmado entre o Governador do Estado, o Comando da Polícia Militar e a Secretaria de Segurança Pública. Ficou assentado entre essas três autoridades que não ocorreria qualquer transigência com os princípios da referida portaria. Assim, os pedidos políticos e outras possíveis transferências foram de pronto rechassadas e o objetivo está sendo cumprido à risca.

DESDE AGÔSTO, 100 HOMENS

As atividades do S.P.M.O. foram intensificados êste ano, desde a sua criação, tendo como base o lançamento de

todo o contingente do 5.º Batalhão de Infantaria, no policiamento em duplas, destacamentos da periferia, e, ainda, de patrulhas do Regimento de Cavalaria, para os bairros e vilas.

Entretanto, não era possível o lançamento imediato. Isso porque o militar deveria passar por rigoroso treinamento, para tornar-se enquadrado com as suas novas finalidades. No dia 25 de agosto último, 100 novos homens, após o compromisso de praxe, entraram em serviço, aumentando o contingente já em ação no centro. Acredita-se que a Praça Vaz de Melo, as ruas Bonfim e Paquequer, focos de desordens e arruaças, localizando-se ali o baixo meretrício, serão policiadas intensamente pelos homens da Polícia Militar. E outros pontos serão atacados, com as cinqüenta duplas, ainda êste mês.

MAIS 600, EM OUTUBRO

Dessa maneira, o contingente será aumentado. Mas a Polícia Militar não descansa. Em outubro dêste ano, após o treinamento a que estão sendo submetidos, mais duzentos homens prestarão o mesmo compromisso e entrarão em atividade. Estará perfeito, então, um contingente de seiscentos homens, para uma atividade imediata. Estão sendo traçadas as zonas de maior incidência da criminalidade, para o ataque em primeiro plano.

Registre-se o fato de que em todo o seu tempo de atividade a Polícia Militar não registrou um fato desabonador contra os homens da "Cosme e Damião". O treinamento é intensivo e envolve questões que vão desde o tratamento com o público, como ataque e defesa,

prisões em flagrante e temperamento arejado para a tarefa de policiar e dar assistência ao público.

Com os seiscentos homens da Polícia Militar, Belo Horizonte, certamente, respirará um ar mais tranqüilo.

SOLDADOS CAPIXABAS EM MINAS

Cabos do 1.º BI, do Espírito Santo fazem o Curso de Sargentos no DI de Minas Gerais.

Desde março último, freqüentam o Curso de Formação de Sargentos do DI da Polícia Militar, quatro elementos da PM capixaba. São eles os cabos Elizeu Lírio do Monte, José de Oliveira Terceiro, Nilson Pereira Ramos e Eurico Belmiro.

Tal fato vem comprovar que não há qualquer receio de luta entre mineiros e capixabas. O espírito policial-militar, o velho espírito mineiro, paira sobre outros quaisquer espíritos mal-sãos, principalmente os dos pescadores de águas turvas. "Somos irmãos" — dizem os mineiros. "Somos mineiros" — diz o cabo Eurico Belmiro, ao acenar o seu orgulho de ser capixaba e ao mesmo tempo soldado mineiro do Departamento de Instrução.

O problema do Contestado é, para eles, um fato corriqueiro, que surge periodicamente, por isso que não lhes dão importância. E, três dos quatro graduados do Espírito Santo, sempre bem humorados, concordam: "Isso é exploração de civis interessados em política". De nós, só quem entende disso é o "Deputado", referindo-se ao cabo Eurico Belmiro, chefe da turma, elemento loquaz e inteligente.

Foram unânimes os cabos em afirmar que gostam muito de Minas e que

muito têm aprendido no DI. Vão indo muito bem no curso e fazem as melhores referências ao tratamento que lhes é dispensado pelos camaradas de Minas. Não há dúvida, portanto: reina a mais estreita amizade entre mineiros e capixabas, no setor policial-militar.

126.º ANIVERSÁRIO DA PM

Desfile do Regimento de Cavalaria

A PM comemorou, com brilhantismo, no dia 10 de outubro, o seu 126.º aniversário, fazendo executar vasto programa de festividades e competições desportivas, cujas provas foram realizadas no Ginásio Tiradentes, do Departamento de Instrução, no Prado Mineiro.

Uma das notas culminantes foi o desfile do Regimento de Cavalaria, sob o comando do major Wilson Antelmo, pelas ruas centrais de Belo Horizonte. Trata-se de unidade gloriosa e tradicional da milícia mineira, pois sua denominação atual ainda é a mesma dada ao Primeiro Corpo de Tropa Regular, organizado na antiga Capitania das Minas Gerais, no ano de 1775, pelo capitão general D. Antônio de Noronha, com a fusão das antigas Companhias do Vice-Rei. Nêsse regimento serviu o alferes Joaquim José da Silva Xavier, protomártir da Independência e patrono das Polícias Militares.

UNIFORME DE DRAGÕES

Com todo o seu efetivo, desfilou aquele Regimento em uniforme de dragões, tendo à frente, entre outras, a bandeira da unidade, ostentando a fita encarnada da Grande Medalha da Inconfidência, a mais alta condecoração concedida pelo governo mineiro.

Nos quadros do Regimento figuram, ainda hoje, como comandante perpétuo, o inconfidente ten. cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, e, como subalterno, o alferes Joaquim da Silva Xavier.

ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO.

Ao ensejo da data aniversária da PM, o comandante da corporação fez realizar, no dia 10, no Clube dos Oficiais, o tradicional almôço de confraternização, reunindo, em tórno do governador Bias Fortes — o homenageado de honra — tôda a sua officialidade, officiais generais e superiores do Exército e da Aeronáutica, destacados em Minas, e as figuras mais expressivas dos círculos administrativos e sociais de Belo Horizonte.

Durante o ágape fez-se ouvir a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar, sob a regência do ten. Salvador Vila.

DISCURSOS

Saudando o governador do Estado, discursou o comandante da PM, cel. Manuel Assunção e Sousa, ressaltando que a sua corporação se preocupa em bem servir ao Estado e à população, observando estritamente as leis e a Constituição.

Fala o governador

"Comparecendo a êste almôço em que a Polícia Militar comemora o seu

126.º aniversário de criação, aqui veio o Governador gozar do júbilo, da ordem e da alegria do dever cumprido que toma com razão os elementos desta corporação", iniciou o Governador Bias Fortes o seu discurso de agradecimento pela manifestação da officialidade.

Ressaltou que a Polícia Militar tem sabido cumprir os deveres que lhe foram impostos pela Constituição do Estado e manter as melhores relações com o povo que defende e garante.

— "A Polícia Militar só tem encontrado os aplausos do Governador do Estado pelo culto que tem às leis e à hierarquia", prosseguiu o sr. Bias Fortes. Mais adiante, reconheceu que a unidade dos elementos da P.M. se deve, antes de tudo, à defesa intransigente de idéias e princípios que lhes saltam do coração e receberam do bêrço.

— "A Polícia Militar nunca se dividirá e tão pouco servirá de instrumento para dividir os filhos desta terra", acentuou o Governador Bias Fortes.

Terminou por referir-se elogiosamente ao entrosamento existente entre a Polícia Militar e as Fôrças Armadas.

BRINDE

O coronel Eurico Pascoal, comandante do Departamento de Instrução em nome da officialidade da Polícia Militar, levantou um brinde ao Presidente

CENTRO DE ESTUDOS MÉDICOS

O Centro de Estudos Médicos da Fôrça Pública de São Paulo está interessado no intercâmbio técnico-profissional e cultural com as organizações congêneres e officiais médicos das Polícias Militares. Correspondência: Rua João Teodoro, 307 — SÃO PAULO, SP.

da República, ressaltando o fato do sr. Juscelino Kubitschek ter saído das fileiras da corporação para os altos cargos que lhe reservou a Pátria.

PROMOVIDO A CABO, POR BRAVURA

Salvou uma criança que morria afogada

No dia 15 de fevereiro deste ano, o córrego da Vila Aparecida, nesta Capital, devido às constantes chuvas, amanheceu com as águas avolumadas. Em destino ao seu quartel, passava o soldado José Pires da Silva, do Batalhão de Guardas, quando notou uma aglomeração de populares.

Aproximando-se para ver de que se tratava, verificou que duas crianças estavam sendo arrastadas pela correnteza, ante o olhar angustiado de quantos presenciavam a cena.

Num gesto de desprendimento e coragem, o soldado atirou-se às águas e conseguiu, depois de muito esforço, salvar uma das crianças. A outra, infelizmente, foi tragada pelas águas.

Sabedor da ocorrência o coronel Manoel Assumpção e Souza, comandante geral da Polícia Militar, mandou instaurar o competente inquérito e, depois de devidamente comprovado o gesto do soldado, resolveu promovê-lo, em Boletim Geral do dia 3 de setembro p.f., por ato de bravura, à graduação de cabo, tendo em vista que o soldado José Pires da Silva, pelo seu espírito de sacrifício, arriscou a vida em benefício da de outrem.

PARANÁ

AUMENTADO O EFETIVO DA PM

Segundo notícias divulgadas na imprensa curitibana, foram admitidos na Polícia Militar do Estado cerca de 1.000 novos soldados, o que eleva o efetivo da corporação a 6.300 homens, aproximadamente

As referidas admissões foram feitas em face do grande número de elementos da PM, destacados para o Sudoeste do Estado, onde sua presença se fez necessária, por causa das agitações que deram origem a farto noticiário da imprensa nacional.

PERNAMBUCO

RADIO-PATRULHA DO ESTADO

Fundada em 1948

Pelo sexto ano consecutivo, mantém a RP do Recife o destaque merecido em seu trabalho de repressão e manutenção da ordem, na capital e no interior do Estado.

A idéia da criação da Rádio Patrulha foi da autoria do capitão do Exército, Murilo Rodrigues de Souza, quando secretário da Segurança, no governo transitório do Dr. Amaro Pedrosa. A 5 de abril de 1949, no governo do Dr. Barbosa Lima Sobrinho, foi inaugurado o primeiro serviço da rádio-patrulha, com orientação e adestramento civil, sendo adquirida, para esse fim, uma frota de limousines (1948) que rapidamente veio a ser depreciada devido o serviço ativo a que se destina aquela unidade e, contrariamente, as condições pouco rústicas das viaturas e,

mesmo, sem aquela unidade contar com um serviço de manutenção e conservação à altura e de oficinas próprias àquele mister. Poucos meses depois aquelas viaturas foram vendidas pelo então secretário da Segurança, coronel Viriato de Medeiros, pelo preço de 600 mil cruzeiros, o que veio a servir de quota inicial para o orçamento da compra das futuras viaturas.

Reestruturação, sob a direção da Polícia Militar

A 25 de agosto de 1951, na gestão do governador Agamenon Magalhães, e por êle presididas as solenidades, foi inaugurado o novo serviço de rádio-patrolha, desta feita, sob o aspecto militar, com todos os requisitos e a disciplina adotadas pela Polícia Militar, tornando-se unidade orgânica daquela corporação. Com os trabalhos de adestramento e recrutamento de elementos da Polícia Militar, tornou-se, posteriormente, na lei de fixação de forças, apesar de pertencer à P.M., como UNIDADE AUTÔNOMA.

Conta, atualmente, aquela corporação, com 26 viaturas, sendo assim discriminadas: 13 camionetas, equipadas com rádio de 30 watts, 1 carro-choque, 12 motocicletas com «side-car» e 179 homens, inclusive 5 oficiais e 1 suboficial e os especializados que se destinam aos serviços de mecânica, eletricidade, manutenção, etc. O comando da Rádio Patrulha, desde 1953, está a cargo do capitão Otacilio de Souza Ferraz, que tem como sargento-imediato Gedeão de Brito Bezerra.

A Rádio Patrulha, quando operando na rua, obedece à orientação

da Delegacia de Vigilância e Costumes e possui seus setores localizados no Largo da Paz, Encruzilhada, Madalena, bairro de Recife e, incluído recentemente, no Pina.

Alguns problemas

Falando a um vespertino do Recife, disse o cap. Otacilio Ferraz:

— «As atividades da Rádio Patrulha são variadas e complexas, pois, além do serviço de repressão, a R.P. age em conjunto com as diversas autoridades da Capital — Delegacia de Trânsito, Corpo de Bombeiro, Serviço de Assistência (remoção de feridos, em caso de desastre) etc. — e, em si mesma, possui seus vários setores, como o de rádio, reparo de viaturas, adestramento do pessoal etc.». Continuando: «Por outro lado, há os problemas inerentes a cada atividade, como por exemplo: o nosso serviço de rádio já se encontra com um raio de alcance, reduzidíssimo, enquanto que antigamente nós alcançávamos até Carpina, atualmente nossa onda de rádio só alcança até o perímetro da Cidade. Isso devido ao material cansado e não existente no Brasil, o que estamos providenciando sua aquisição no estrangeiro. Para enfrentarmos a crise, mantemos as viaturas, quando estacionadas, com o rádio desligado, para economizar o material, e usamos os telefones dos comissariados ou públicos.

Serviço de seleção e transporte

Falando acerca do problema de seleção e recrutamento, disse o entrevistado:

— «O serviço de seleção e recrutamento é outro bastante complexo.

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

Não apenas cuidamos do corpo do patrulheiro, mas, também, do intelecto, e que diga-se de passagem, como é do conhecimento de todos, o índice de alfabetização em nosso meio, é precário, tornando-se, assim, nêsse particular, em algumas vêzes e com determinados elementos, deficiente. O patrulheiro deve, pelo menos, saber dirigir-se a alguém e resolver, dentro de normas cabíveis, as ocorrências no local onde foi solicitado, para não desvirtuar a finalidade de repressão, em coação».

Burocracia

Possui a R.P. um serviço burocrático em que se pode localizar, de imediato, dia hora, local e ocorrência etc., com uma simples vista no mapa de serviço. Conforme estatística da Central da R.P., pode-se notar que o índice de criminalidade, principiamente desordens, ultraje ao pudor, espancamento e agressões outras, tem diminuído, pois em 1953 o índice de ocorrências gerais acusou o número de 6.406, enquanto que em 1956 decresceu para 4.403, com uma diferença, a seu favor, de mais de 2.000 casos.

RIO DE JANEIRO

ESTABILIDADE PARA SUBTENENTES E SARGENTOS

O chefe do governo fluminense sancionou lei que dá ao artigo 1.º da Lei n.º 3055 a seguinte redação: «Aos subtenentes e sargentos da Polícia Militar do Estado, que contem ou venham a contar dez ou mais anos de serviços na corporação, é assegurada estabilidade independente de engajamento ou reengajamento.

MEDALHA DE MÉRITO MILITAR

A instituição, na Polícia Militar do Estado do Rio, de medalhas correspondentes a bons serviços prestados à corporação, de acôrdo com recente lei assinada pelo chefe do Executivo fluminense, passou a ser regulada por disposições segundo as quais serão agraciados com medalhas correspondentes a 10, 20 e 30 anos de serviços efetivos prestados à Polícia Militar, todos os oficiais, aspirantes, subtenentes, sargentos, cabos e soldados, da ativa, que preencham as condições estabelecidas na lei. Aos oficiais e praças inativos que preencham aquelas condições será concedido somente o diploma correspondente a cada medalha, podendo, porém, os que desejarem também a medalha indenizar as respectivas despesas, condição em que lhes será a mesma concedida. Essas medalhas serão concedidas pelo chefe do Poder Executivo, mediante proposta do Comando Geral da Polícia Militar, e entregues aos agraciados em solenidade de caráter cívico militar.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS PARA NILÓPOLIS

A Associação de Bombeiros Voluntários, em vias de ser fundada em Nilópolis, no interior do Estado, está convidando a população e as diversas instituições daquele município, para que se inscrevam no quadro social em organização.

Esclarecendo que a instituição não observará política partidária nem preconceitos de raça, côr, nacionalidade e religião, visando apenas à solidariedade humana, o seu criador pretende executar o seguinte programa:

a) criar e manter um «Pôsto de Bombeiros Voluntários», equipado para a extinção de princípios de incêndios, pequenos incêndios e outros socorros de urgência;

b) instituir campanhas educativas de segurança contra incêndios e outros acidentes, através da imprensa, do rádio (inclusive os serviços locais de alto-falantes), da distribuição de «avulsos», palestras, etc., etc..

Logo que se obtenha um número razoável de pessoas incritas, serão tôdas convocadas para uma assembléia geral, onde será discutido um ante-projeto de estatutos. Após a sua aprovação será eleita a sua primeira diretoria, ou conselho deliberativo.

TAMBEM PARA NOVA FRIBURGO, MAS OFICIAL...

Em Nova Friburgo, o Prefeito Feliciano Costa, empenhado em criar um Corpo de Bombeiros, obteve do comandante do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal a designação do Capitão Nilton Gusmão para orientar os estudos necessários e primeiras providências oficiais.

33 ANOS, FEZ O 1.º BC

Completo, no dia 30 de agosto último, seu 33.º aniversário, o 1.º BC da Polícia Militar, do qual é comandante o ten. cel. Jonathan Dertzto Bastos.

Para solenizar a efeméride foi organizado extenso programa, iniciado às 7 horas com formatura geral e leitura do boletim alusivo à data, prosseguindo todo o dia com diversas

provas esportivas e a inauguração da galeria dos ex-comandantes daquela unidade.

SANTA CATARINA

PROMOÇÕES NA POLICIA MILITAR

Em data de 1.º de julho último, o sr. governador do Estado assinou atos, promovendo: ao pôsto de ten. cel., o maj. do Quadro de Combatentes Olivério José de Carvalho Costa; ao pôsto de major Combatente, cap. Theseu Domingos Muniz; ao pôsto de major, do Quadro de Intendência, o cap. Aminthas Melo; ao pôsto de cap. intendente, o 1.º ten. Iraci Francisco da Silva; ao pôsto de 1.º ten., o 2.º ten. do Quadro de Intendência José Manoel Corrêa; ao pôsto de 2.º ten. intendente, por merecimento intelectual, visto haver concluído o CFOI, o subten. Francisco José Schramm.

Foram promovidos ainda, por ato de 10 do mesmo mês, os seguintes oficiais: 2.º ten. Alvaír Batista Nunes, ao pôsto de 1.º ten. combatente, e Gustavo Francisco de Carvalho Rocha, ao pôsto de 1.º ten. farmacêutico, ambos pelo princípio de antiguidade.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE JOINVILLE

Reconhecidos como de utilidade pública, pelo govêrno da República

O presidente Jucelino Kubitschek sancionou a lei n.º 3210, de 19-7-57, que reconheceu como de utilidade pública a Sociedade Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, no interior do Estado.

Faz, assim, a República, modesta mas justa homenagem à sua mais famosa e eficiente unidade de bombeiros voluntários.

O governo estadual também reconhece

O governador Jorge Lacerda assinou, no dia 1.º de agosto último, na pasta da Fazenda, um decreto que

destina 20.000 cruzeiros mensais ao Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinvile.

CORPO DE BOMBEIROS DE FLORIANÓPOLIS

Chegou à capital barriga-verde, no dia 13 de agosto último, o carro-cada Magyrus, adquirido na Alemanha, pelo governo Jorge Lacerda.



SE VOCÊ TEM *INCLINAÇÃO*
E DESEJA ASSEGURAR O SEU FUTURO
APRENDA DESENHO

INSTITUTO TÉCNICO OBERG

(NÚCLEO DE ENSINO PROFISSIONAL LIVRE)

RIO - S. PAULO - NITERÓI - B. HORIZONTE - P. ALEGRE

CURSOS DE DESENHO

ARQUITETÔNICO - DEC. INTERIORES
PROPAGANDA - MÁQUINAS
AQUARELA - CARTAZES - MODAS

NOSSOS MÉTODOS DE ENSINO, CONCENTRANDO-SE NOS PONTOS MAIS IMPORTANTES E ELIMINANDO O SUPERFLUO, FARÃO DE VOCÊ EM APENAS 10 MESES, UM PROFISSIONAL COMPETENTE, CAPAZ DE ELEVADOS SALÁRIOS

AULAS DIURNAS E NOTURNAS

—:—

MATRÍCULAS EM QUALQUER ÉPOCA

AV. RANGEL PESTANA, 2163
1.º ANDAR - SALAS 12 e 13 — BRÁS

RUA 24 DE MAIO, 104
6.º ANDAR — SÃO PAULO

TIRO AO ALVO

CAMPEONATO BRASILEIRO

Realizou-se em outubro último, no Rio de Janeiro, mais um Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo, no qual nosso atirador, o cap. JORGE MESQUITA DE OLIVEIRA, conquistou brilhantemente o título de Campeão Brasileiro de pistola livre, bisando assim seu feito do ano anterior.

Foram os seguintes os resultados desta prova:

1.º lugar — Cap. Jorge Mesquita de Oliveira, S.P., com 528 pontos;

2.º lugar — Major Evandro Guimarães, DF, com 520 pontos;

3.º lugar — Dr. Alvaro dos Santos, DF, com 519 pontos;

4.º lugar — Cel. Milton Gomes da Silva, RGS, com 518 pontos;

5.º lugar — Humberto Chaves, DF, com 517 pontos;

6.º lugar — Silvino Ferreira, DF, com 517 pontos;

7.º lugar — Major Vicente Brito, Paraná, com 516 pontos;

8.º lugar — João Conrado Worf, RGS, com 510 pontos.

CAMPEONATO PAULISTA

A equipe da Fôrça tornou-se pentacampeão Paulista de Tiro de pistola livre ao levantar, em setembro último, o

A equipe da Fôrça Pública, pentacampeã paulista de pistola livre (1953-1957). Vêm-se a partir da esquerda, o capitão Jorge Mesquita de Oliveira o cel. Rubens Teixeira Branco e 1.º tenente Flávio Capeletti.

campeonato desta especialidade, promovido pela Federação Paulista de Tiro ao Alvo.

Feito brilhante que vem demonstrar o elevado padrão técnico em que se mantêm os representantes de nossa Corporação.

Além da vitória coletiva, assinalamos também a vitória individual do Cap. JORGE MESQUITA DE OLIVEIRA, com 530 pontos, trazendo para a Fôrça mais um título de campeão Paulista de Tiro.



NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaiso) — Capitán Franklin Troncoso Bacles.

— IV Zona de Carabineros (Concepcion) — Capitán Moysés Suty Castro

— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efrain de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.

— Destacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

AMAPA (Guarda Territorial)

— Sede (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz

— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda

— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz

— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luis Alberto de Sousa

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo

— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis

— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos

— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Força Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Ivan Rodrigues Arrais

— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilacqua de Souza Soares

— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romeiro

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa

— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques

— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira

— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro

— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

- PARAIBA (Polícia Militar)**
 — Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luís Ferreira Barros
- PARANA (Polícia Militar)**
 — Q.G. — (Curitiba) — Ten. Donatielo Ariel Damasceno
- PIAUI (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)**
 — Q.G. — Cap. Ademar Guilherme
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)**
 — Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Jullio Soveral da Rosa
 — 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos
 — 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues
- SANTA CATARINA (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Florianópolis) — Ten. Vilmar Teodoro
 — 3.a Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira
- SÃO PAULO (Força Pública)**
 — Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira
 — C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu
 — C.C.S. — Cap. Salvador de Cico
 — C.C.C. — Ten. Nelson Soares
 — F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela
 — B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio
 — Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti
 — R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte
 — C.B. (Capital) — Sgt. Pedro Marques
 — B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci
 — 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira
 — 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo
 — 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel
 — 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira
 — 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tuluvi Vilanova
 — 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes
 — 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade
 — S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci
 — S.E. (Capital) José de Campos Montes.
 — S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann
 — S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva
 — S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva
 — S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura
 — E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato
 — S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo
 — S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende
 — 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves
 — 2.a Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas
 — 3.a Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes
 — 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa
 — 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira
 — Rádio Patrulha (Capital) — Sr. Epaminondas Caldas Camargo
 — Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti
 — Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.
- SERGIPE (Polícia Militar)**
 — Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em todas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.

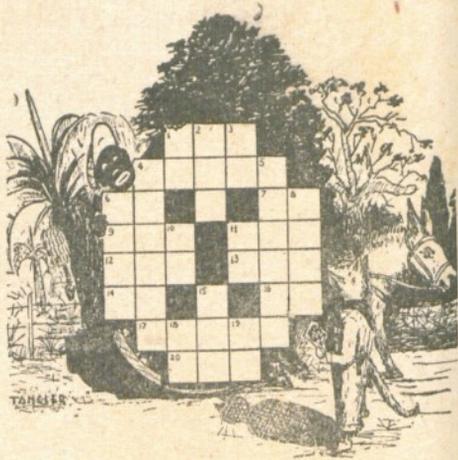
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS:

1 — Mas, 4 — Mulher, 6 — Amôniaco, 7 — O sol dos egípcios, 9 — Madeira, 11 — O mesmo que rã, 12 — Mulher, 13 — Cólera, 14 — Olho furado em tupi-guarani, 16 — Povoação ou freguesia de Portugal, 17 — Fluxão de humores, 20 — Apologia.

VERTICAIS:

1 — Oriente (ob), 2 — Grande quantidade, 3 — Pessoa exímia em qualquer atividade, excepcionalmente em aviação, 4 — O que ama, 5 — Nome de um peixe da Amazônia, 6 — Tatu bola, 8 — Anual, 10 — Uma (ob), 11 — Gracejo, 15 — Dueto, 18 — O, 19 — Imperfeito.



NOSSA CAPA

PAISAGEM
ITALIANA



MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

Fones } externo 34-6488
 } interno 138

SÃO PAULO, S. P. _____ Brasil

ANO X

Setembro/Octubro de 1957

N.º 71

DIRETOR GERAL:— cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:— 1.º ten Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
SECRETÁRIO:— major Francisco Vieira da Fonseca
GERENTE:— Cap. Miguel M. Sendin

REDATORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire — cap. Jorge Mesquita de Oliveira
— major Olímpio de O. Pimentel — cap. Felix de Barros Morgado
— cap. Plínio D. Monteiro — cap. Francisco Antonio Bianco Jr
— 1.º ten. Antonio Silva

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 70,00
Número avulso Cr\$ 15,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

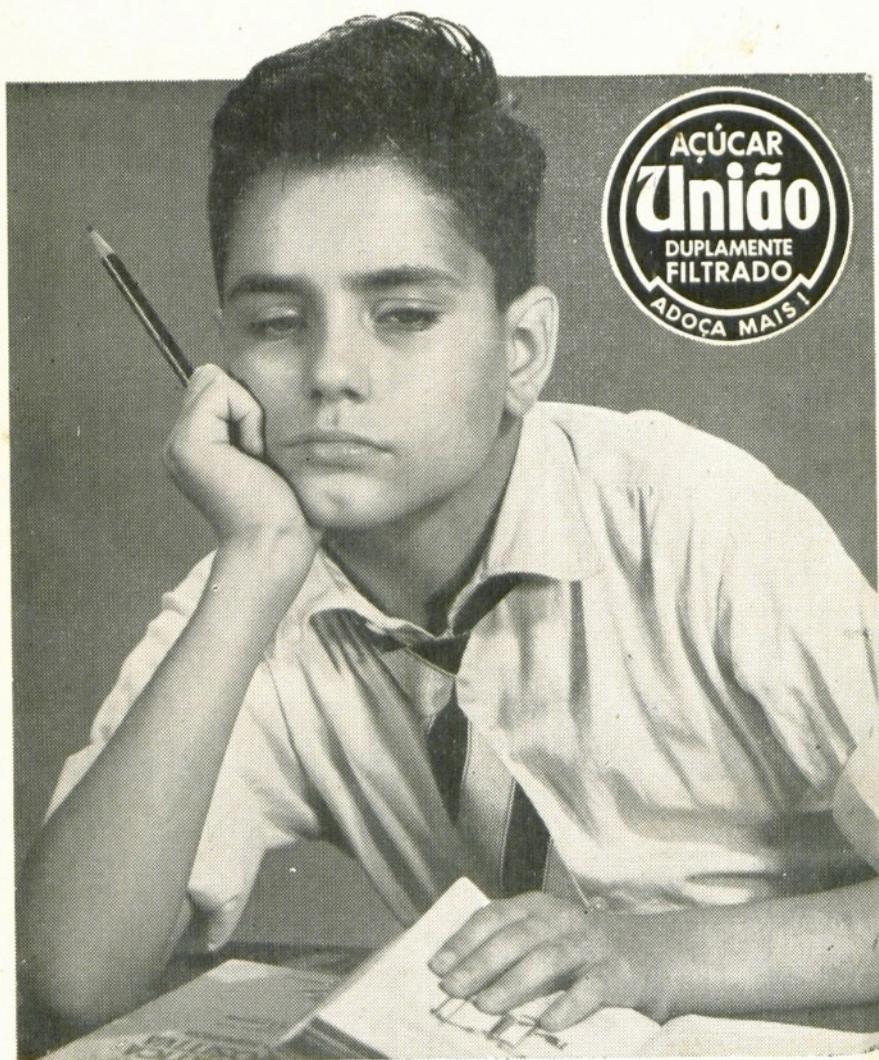
A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.

* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.

* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- Desejamos estabelecer permuta
- Deseamos establecer el cambio
- Desideriamo stabilire cambio
- On désire établir échange
- We wish to establish exchange
- Austausch erwünscht



A criança que se mostra desanimada, sem coragem de estudar as lições e com preguiça até de pensar, tem falta de energia.

Muitas vezes a causa dessa apatia consiste apenas em falta de açúcar no orga-

nismo. Conduzido pela circulação, o açúcar se transforma no combustível por excelência do sistema muscular. Claude Bernard, famoso cientista, chamou o açúcar de "carvão dos músculos".